UNIVERSIDADE DE CABO VERDE

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HUMANAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (PPGCS)

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (6ª Edição)

BIOGRAFIA DAS VENDEDEIRAS:

Estudo de Caso sobre Mobilidade Social no Bairro do Palmarejo- Cidade da Praia

Elisângelo De Brito Sousa

Linha de Pesquisa: Cultura e Identidade no Contexto da Globalização

Praia, 2019

UNIVERSIDADE DE CABO VERDE
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HUMANAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (PPGCS)

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (6ª Edição)

Biografias das Vendedeiras: Estudo de Caso sobre Mobilidade Social no Bairro do Palmarejo- Cidade da Praia.

Elisângelo De Brito Sousa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNI-CV como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação da Professora Dra. Jacqueline Pólvora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira do Ceará (UNILAB).

Praia, 2019

JÚRI

Presidente _____

Arguente _____

Orientador: Professora Doutora Jacqueline Brito Pólvora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a minha intenção reconhecer a cada um dos que estiveram juntos comigo nesta caminhada de três anos, mesmo aqueles que, eventualmente, eu possa esquecer de mencionar.

Acima de tudo, não poderia deixar de mencionar Deus, pelo dom da vida, bem como a minha mãe, Hirondina Duarte pelo apoio e preocupação constante que me demostrou ao início da minha entrada no sistema escolar cabo-verdiano.

Uma especial gratidão a minha orientadora, a Profa. Dra. Jacqueline Pólvora, pela sabedoria, pelo apoio encorajador e motivante nos meus instantes de fraqueza e insistência. Ao professor Avelino Sousa, pelo apoio na escrita e o uso de sábias palavras no momento oportuno.

Também não posso esquecer das minhas interlocutoras, porque elas foram fulcrais na materialização desse projecto.

Ao XVIII Curso Fábrica de Ideias, da UFMA/UEMA, em março de 2017, cujo tema "Cidadania, Direitos Humanos e Processos Identitários – uma perspectiva internacional", agradeço imensamente ao pessoal que possibilitou a minha presença enquanto aluno e me concedeu a oportunidade de conhecer novas realidades. Um muito obrigado á todos.

Enfim, um muito obrigado a todos.

RESUMO

Esta dissertação que vamos apresentar tem como objetivo principal compreender as possíveis mudanças em termos de mobilidade econômica através de gerações que aconteceram no trabalho das vendedeiras, centrando-se na identificação e análise das biografias das mesmas, no Bairro do Palmarejo, na Cidade da Praia. A ideia é demonstrar como que a cultura e a identidade no contexto da globalização têm ganhado cada vez mais importância e espaço no mundo investigativo das Ciências Sociais.

A pesquisa é de natureza qualitativa, nela utilizamos a técnica de recolha por via da observação participante (com o apoio do diário de campo) e o aproveitamento das conversas tidas com interlocutoras, em especial, com as centrais na dissertação que vivem da informalidade urbana no Bairro de Palmarejo. Como tratamento dos dados, fizemos análise e reflexão sobre os conteúdos das conversas empíricas. Os dados empíricos apontam que as interlocutoras são oriundas dos contextos rurais cabo-verdianos e tornaram-se figuras empreendedoras pelas trajetórias construídas no mundo das atividades ligadas ao sector da informalidade urbana, demonstrando que são atores sociais totalmente diferentes daqueles que são rotuladas. Se as compararmos com os seus progenitores, elas estão vivendo mudanças que se devem à autonomia e à independência que alcançaram na capital do País e ao mesmo tempo criaram condições e estruturas para o investimento contínuo na educação e instrução dos filhos, graças aos resultados das suas atividades laborais que, diariamente, realizam.

Palavras-chaves: Vendedeiras, biografias, informalidade urbana, mobilidade social e desigualdade social.

ABSTRACT

This dissertation that we present aims to understand the possible major changes in terms of economic mobility across generations that occurred in the work of women selling, focusing on the identification and analysis of the biographies of same in the Palmarejo district, in the city of Praia. The idea is to demonstrate how that culture and identity in the context of globalization have gained more and more importance and space in the world of Social Science research.

The research is qualitative in nature, we use the technique of collecting through participant observation (with the support of the field journal) and the use of conversations with speakers, in particular, with the Central thesis that live of urban informality in the Palmarejo. As data controller, we did the analysis and reflection on the content of empirical conversations. The empirical data indicate that the speakers are from rural contexts Cape Verdeans and became entrepreneurial figures by trajectories built in world activities related to the urban informal sector, demonstrating that are social actors totally different from those that are labelled. If we compare with their parents, they are living changes that are due to the autonomy and independence they achieved in the country's capital and at the same time created conditions and structures for continuous investment in education and instruction of children, thanks the results of their labour activities that take place every day.

Key-Words: Women selling, biographies, urban informality, social mobility and social inequality.

Lista de Ilustrações (Fotos) e tabela

Figura 1 - Parte frontal do Minimercado Multi Choise (Palmarejo) 36
Figura 2- Arredores do prédio residencial (ponto de venda da Joana, Soraia e Ana) 45
Figura 3- Arredores do minimercado "Beto" (Ponto de Venda da Luísa) 76

Tabela 1- Estrutura dos empregados por grupo de profissões, 2014..... 63

Sumário

INTRODUÇÃO 1
Procedimentos metodológicos 7
Trabalho de campo 9
Estrutura da dissertação 10
1- PRIMEIRO CAPÍTULO 13
1.1-Informalidade urbana 13
1.2- Gênero 20
1.3- Biografia e a mobilidade social 25
2-SEGUNDO CAPÍTULO 35
2.1- Atividades geradoras de rendimentos em Cabo Verde 35
2.2- Empreendedorismo feminino no contexto de atividades geradoras de rendimento 49
2.3- Desigualdades sociais no mercado laboral 58
3-TERCEIRO CAPÍTULO 65
3.1- Uma perspetiva intergeracional 65
CONSIDERAÇÕES FINAIS 79
REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS 85
ANEXO 90
Anexo A. Guião de entrevista 91
Anexo B. Categorias do campo 93

Introdução

A dissertação de mestrado que se baseia, fundamentalmente, em "Biografias das vendedeiras: Estudo de caso sobre mobilidade social no bairro do Palmarejo- cidade da Praia" que se enquadra na linha de pesquisa Cultura e Identidade no Contexto da Globalização. A dissertação surgiu como uma sequência da primeira memória para a obtenção do grau de Licenciatura no curso de Ciências sociais- vertente Sociologia pela Universidade de Cabo Verde, cujo tema foi: "Interações Sociais no comércio informal: O caso do Palmarejo- Cidade da Praia", que data o mês de novembro de 2015.

Naquela memória o foco era as interações sociais entre as vendedeiras e os clientes (nome atribuído as pessoas que relacionavam socialmente com as vendedeiras de diversas formas) no contexto da informalidade urbana no bairro de Palmarejo. Neste projecto a figura central são as vendedeiras que realizam as suas actividades laborais no contexto da informalidade urbana do Palmarejo. A escolha deste estudo baseado nas biografias surge na sequência dos diálogos frequentes em as trajectórias diárias dessas mulheres vendedeiras, ou seja, a análise e a descrição dos processos socioeducativas e laborais que elas vivenciaram, experienciaram e construíram ao longo da vida até ao ingresso no mundo caracterizado de informalidade urbana. Contudo, preferimos chamar por questões metodológicas, o que as vendedeiras fazem de actividades geradoras de rendimento.

Nesta dissertação de mestrado, o que chamamos de vendedeiras são mulheres que não auto-identificam ou auto-intitulam como sendo vendedeiras. O conceito é meramente operatório e pode ser ou não utilizado por elas nas narrativas no decorrer do trabalho de campo para se identificarem. A partir do uso do conceito da biografia, como um recurso metodológico, leva-nos a ter o acesso a um leque de informações sobre; o perfil das interlocutoras, os dados pessoais, as memórias, as lembranças e a visão parcial e seletiva da realidade vivida pelas interlocutoras, baseando nas suas leituras do contexto social em que elas se encontram inseridas. Em outras palavras, a biografia pode ser vista como

uma fonte de dados sobre vários aspetos da vida social e profissional das nossas interlocutoras.

A entrada no contexto em que elas estão inseridas e o acesso às memórias das mesmas, foi feita, *a priori*, mediante uma negociação verbal definida. A conclusão que podemos tirar das conversas e dos depoimentos delas é um grupo heterogéneo que possuí perspetivas adversas sobre as práticas sociais que dedicam atualmente. Pois, cada uma é diferente da outra e estão a realizar atividades ligadas à informalidade por motivos adversos. Cada uma carrega consigo um repertório específico de motivações, sejam pessoais, familiares, ou ainda geracionais, aspirações, sem esquecer as responsabilidades e os papéis sociais que abraçam, incluindo o facto de serem mães, cidadãs, educadoras, procuradoras de vida e em alguns casos chefes de família. O que queremos demonstrar com este trabalho é que não há uma regra fixa no campo da informalidade urbana que se aplica às vendedeiras no geral e as nossas interlocutoras de forma particular que vivem e sobrevivem quotidianamente realizando as suas atividades geradoras de rendimento nos espaços públicos de Palmarejo de forma autónoma e independente. As regras a que nós estamos referindo são no sentido de partir do pressuposto de que as vendedeiras são todas iguais, tendo as mesmas motivações e que deveriam estar a trabalhar nas estruturas construídas pela autarquia local para o efeito de albergar, controlar e organizar as vias públicas da Cidade, seguindo a filosofia padronizada pela autarquia local, dentro de um quadro denominado de uma nova agenda urbana.

A demonstração de que as vendedeiras não são iguais e que não possuem a mesma bagagem no contexto das práticas ligadas à questão da informalidade é espelhada através das suas trajetórias. As suas trajetórias socioprofissionais devem ser levadas em consideração no sentido de mostrar que não há um padrão para as caracterizar, o que faz envolver questões de cariz social, próprias dos centros urbanos - o da informalidade. Um outro meio de demonstrar que não há uma regra fixa é através da análise intergeracional, ou seja, a comparação entre o que as mulheres progenitoras faziam e o que as interlocutoras agora fazem.

Quotidianamente, elas dão sinais de que querem ser tratadas da forma diferente daquela que a Autarquia Local as trata, ou seja, como as demais, por praticar atos similares das vendedeiras que se encontram no mercado municipal do Plateau (venda de géneros alimentícios, organizada em bancas e pedras). Por isso, é preciso frisar que as interlocutoras não têm o cartão ambulante e que nas suas trajetórias profissionais vendem hortaliças, legumes, roupas chinesas, pois foram empregadas domésticas e trabalharam na construção de estradas e na construção civil para sustentar as suas famílias. Hoje em dia, elas são coagidas e pressionadas para deixarem de realizar as suas atividades nos pontos que ocupam, sem uma alternativa ou um entendimento, fruto de diálogos abertos de negociação (facto que nenhuma interlocutora referiu). Em muitos casos, são obrigadas a deixar os pontos de venda, correm com os seus pertences ora nas mãos, ora na cabeça dos fiscais afetos à autarquia local. Às vezes, mesmo com os seus produtos à cabeça, os fiscais (policia municipal) retirem-nos da cabeça. Elas fogem, correndo para abrigarem em qualquer espaço que possam encontrar, no ato de desespero, para poderem garantir o sustento da família.

Neste contexto, percebe-se que este método é recorrente. Pois, a sensação que fica é que quando elas são coagidas, duplica-se o número delas a realizar as atividades geradoras de rendimento nos arredores dos espaços comerciais do Palmarejo e gera cada vez mais críticas e uso de palavrões direcionados aos fiscais e à própria autarquia local. Não é assim tão fácil, elas deixarem de fazer o que bem sabem fazer, para a sua sobrevivência. Hoje, é uma das vias usadas por elas para garantirem o autoemprego.

Não é do dia para a noite, ou a partir das situações em que são pressionadas a deixarem os pontos de venda, que uma pessoa que tem uma vasta experiência em atividades ligadas à informalidade urbana irá deixar de fazer o que faz. Pois, elas sabem que é com o rendimento dessa actividade económica que educam e criam os seus filhos, constroem as suas casas (como é o caso das interlocutoras Maria e a Joana) e sustentam as suas famílias. Elas afirmam que nem sempre a venda corre bem, mas aparece o mínimo, em cada dia, que lhes possa ajudar e a manter a família em certo bem-estar. Não há um padrão rígido, nestes contextos, por isso, tendem-se a fugir às regras. Querem exercer as suas atividades livremente enquadradas numa determinada estrutura que as agrupe e as

organize sem perturbação. Pois, são pessoas que, há muito tempo, realizam atividades geradoras de rendimento deambulando pelos espaços urbanos à procura da clientela e a uma melhor forma de fazer escoar os seus produtos, com o intuito de garantir o autosustento e o sustento da família.

O mercado de Santo António na cidade da Praia é um exemplo. É uma estrutura que pode albergar uma certa quantidade de vendedeiras, porém, está praticamente vazia, ou seja, há poucas pessoas ali a trabalhar. Também, podemos encontrar algumas vendedeiras que ainda comercializam géneros alimentícios no espaço. No mercado central, no Plateau, ao início do ano anterior, houve uma restruturação no sentido de se colocar um número de vendedeiras de acordo com a capacidade do espaço, pois que segundo a Autarquia Local estava superlotado quase ao dobro do número da capacidade do espaço. Daí, surge a seguinte questão:

Para onde foram parar as que foram excluídas desse espaço que trabalharam há muitos anos?

Segundo a interlocutora Joana elas foram realocadas junto ao espaço sucupira[1], num local denominado de "*Kotxi Pó*[2]*"*.

Para a autoridade local, o ideal para cidade é tentar, com algum esforço, adotar-lhes um determinado comportamento social ou fazer com que elas cumpram algumas regras sobre o uso devido dos espaços urbanos com fins comerciais, o que tem gerado tensões e desavenças constantes. Esta situação complica-se, muitas vezes, quando um grupo de fiscais afetos à Autarquia Local, se desloca para o Bairro de Palmarejo a fim de cumprir os seus deveres profissionais. Porém, muitas vezes não é levado em conta o que as interlocutoras pensam, pelos decisores políticos no momento da aprovação e aplicação de políticas públicas, visando este grupo de atores sociais, já que parece que elas não querem estar confinadas a um espaço ou a uma estrutura esperando que uma pessoa vá até elas comprar algum gênero. Elas estão acostumadas num vaivém diariamente sem a privação da liberdade. Os espaços utilizados por elas são os arredores das casas

[1] Um espaço de comércio aonde alberga cidadãos de várias nacionalidades no bairro da Fazenda.

[2] É um subgénero musical do funaná. Mas o porque que deram o espaço este nome continua um mistério.

comerciais como: Minimercado “Beto”, “Multichoice” e “Inpofrut” na zona do Palmarejo, uma vez inseridas nestes espaços, criam e mantém relações adversas com várias pessoas que frequentam a essas redondezas à procura de géneros variados como: peixes, frutas, hortaliças, folhas de chá, donuts ou pessoas para travar breves prosas e diálogos relativos a vários aspetos da vida humana.

O estudo das suas biografias, no contexto das atividades geradoras de rendimento, irá trazer grandes contribuições para as Ciências Sociais em Cabo Verde, já que é uma ciência que está em constante crescimento e desenvolvimento, no nosso País, embora precise de estudos mais profundos sobre os fenómenos sociais urbanos caboverdianos. Por isso, vamos agregar os estudos urbanos aos do género humano.

As atividades geradoras de rendimento irão servir de ponto de partida e do fator que nos permita entrar em contacto com as vendedeiras para explorar melhor as trajetórias de vida das mulheres vendedeiras. Trajetórias que nos permitirão pensar a mobilidade social das figuras femininas a partir do acesso ao espaço público urbano. A ideia é desconstruir o olhar que se tem das mulheres como atores que vivem dentro de um sistema organizado em estruturas sociais estruturantes em que se conotam a uma determinada classe ou grupo social específico, que não aceita ser atores ou ficando de certo modo, em dúvida.

Sendo assim, queremos tentar desconstruir esta ideia e demonstrar, com exemplos práticos, os elementos que permitem clarear o que são as vendedeiras, pela exploração das suas categorias: Biografias, gênero, atividades geradoras de rendimento e a mobilidade social. O uso do conceito de informalidade urbana é somente para denominar e contextualizar o mundo em que essas mulheres estão inseridas com base na ideia de alguns teóricos sociais. O seu estudo aprofundado vai enriquecer o repertório cientifíco do país, com mais um trabalho acâdemico ciêntifico, original e abrir mais horizontes de pesquisa sobre esta prática dos centros urbanos.

As circunstâncias, que determinaram a escolha pelo tema, têm a ver com questões de ordem pessoal. É uma zona onde resido e participo de certa forma neste tipo de actividade urbana na qualidade de cliente. Porém, essa participação é trivial e pontual e

a sensação que fica é que ainda não sei nada sobre este tipo de actividade urbana exercida pelas vendedeiras e o mundo de significados que construíram. Por isso estou à procura de conhecimentos mais aprofundados acerca da forma como as vendedeiras usam estes espaços públicos para realizarem as suas actividades geradoras de rendimento. A atividade que as vendedeiras desenvolvem é algo complexo que muitas vezes fogem do olhar viril dos atores sociais desatentos. Sendo assim, parece ser muito interessante saber qual é a sensação de estar todos os dias a realizar essas atividades no meio de tantas situações que o meio urbano as coloca.

Desta forma, pensamos que deve haver uma conexão do ponto de vista geracional no mundo de atividade da informalidade urbana, e para a sua melhor compreensão, é necessário averiguar se há possíveis mobilidades sociais nesse contexto. A opção pelo estudo das práticas profissionais seguindo a lógica da intergeracionalidade é no sentido de observar se há mudança nas atividades geradoras de rendimento protagonizado pelas interlocutoras no contexto da informalidade urbana do Bairro de Palmarejo em comparação com a geração anterior, ou seja, comparação com a dos seus pais.

A escolha do estudo da mobilidade social justifica-se pelo seu enfoque macrossociológico de um determinado grupo ou de indivíduos que procuram ascender-se socialmente através do uso de ferramentas e meios distintos, e ao mesmo tempo é o estudo de mudança de um grupo, isto é, aquele grupo que consegue migrar a partir da estrutura social de origem. Daí este projecto levanta a seguinte questão:

Que mudanças do ponto de vista intergeracional ocorreram nas vidas das vendedeiras que atuam no sector informal no bairro do Palmarejo, cidade da Praia?

Para responder a esta inquietação definimos os seguintes objectivos:

- Objectivo geral: Compreender as possíveis mudanças em termos de mobilidade econômica através de gerações que aconteceram no trabalho das vendedeiras.

- Objectivos específicos: Identificar o contexto social de origem das vendedeiras do comércio informal urbano da zona de Palmarejo da cidade da Praia;

- Identificar as diferentes trajectórias femininas de suas actividades laborais nos espaços urbanos do Palmarejo.

A ideia de versar que as mudanças do ponto de vista económico e intergeracional ocorreram nas vidas das vendedeiras que realizam as suas atividades geradoras de rendimento, surgiu como forma de fazer um estudo de carácter comparativo de gerações diferentes. Os percursos que vão ser analisados, neste trabalho, são os dos pais das interlocutoras, das interlocutoras e dos seus filhos.

Assim, teremos elementos concretos para fazer comparações ocorridas nas vidas dessas gerações mencionadas a nível socioeducativo e laboral. Definidos os objetivos a serem alcançados no decorrer do trabalho de campo no contexto urbano de Palmarejo e as razões da escolha pelo estudo das mudanças intergeracionais, a seguir iremos abordar as notas sobre os procedimentos metodológicos e o trabalho de campo.

Procedimentos metodológicos

Como se trata de um estudo de natureza etnográfica, primeiramente realizamos um levantamento bibliográfico e documental sobre as categorias centrais da dissertação, nomeadamente a informalidade urbana, o género, as biografias e a mobilidade social.
Pela sua natureza etnográfica, centrou-se na abordagem qualitativa que traz informações aprofundadas sobre o objeto em estudo, visto que trazem uma análise dos conteúdos de uma atividade e outras dimensões que o método quantitativo não abraça.

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser resduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, Deslandes, Neto & Gomes, 2002, pp.21-22).

Em termos de recolha de dados, usamos a técnica da observação participante, em que observamos as vendedeiras praticando as suas atividades diárias no quotidiano urbano do Palmarejo.

> A observação é o uso dos sentidos com vista a adquirir os conhecimentos necessários sobre o quotidiano. A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do observador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí porque se pode definir observação participante como técnica pela queal se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (Gil, 1989, pp.107-108).

Esta técnica foi fulcral durante todo o trabalho de campo. A tónica central foram as conversas tidas com as interlocutoras e aproveitou-se daquelas conversas realizadas no campo empírico com elas, que foram fulcrais no descortinar dessas interações. Essas informações facilitaram e de que maneira, no ato de recolha de dados e na sua análise posteriormente.

Ao final do dia, escrevia no computador as observações, as descrições do local de trabalho e os diálogos travados com elas, com os clientes e entre elas, com o objetivo de tentar mostrar aos leigos como eram estruturados os diálogos nesses espaços, incluindo os mínimos detalhes com alguns pormenores.

No que toca ao tratamento de dados, vai-se fazer análise de conteúdo. A análise de conteúdo

> Constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum… Como método de investigação, a análise de conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. É uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação…A matéria-prima da análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos auto-biográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, etc. Contudo os dados advindos

> dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo (Moraes, 2011, p.2).

Trabalho de campo

A minha entrada no campo de pesquisa foi aos poucos, utilizando uma estratégia de acordo com o ambiente de trabalho e diariamente circulava por esses espaços, aproveitando da situação sem que as entrevistadas percebessem. No início de Dezembro de 2016, quando aparecia no campo de pesquisa, demonstrava que não queria nada, ou seja, que apenas estava a frequentar o espaço. Com o passar do tempo, elas acabaram por notar a minha presença frequente. Então, identifiquei-me e disse-lhes que estava ali para realizar um trabalho universitário com elas e acabaram por aceitar a minha presença no espaço.

Sempre que ia ao campo, levava comigo uma mochila escura às costas e no seu interior, uma caderneta azul e uma caneta do mesmo tom. Daí, aproveitei das circunstâncias aos poucos, para travar diálogos com elas. A partir disso, a minha presença se tornou comum e normal no seio delas, pois sempre as dizia, que ia observar o modo como realizavam as suas atividades, e elas sempre sorriam, como sinónimo de aceitação. Tudo acontecia na base da educação, sempre respeitando a privacidade e a sensibilidade das interlocutoras. As conversas requeriam muita atenção e concentração da minha parte e também sem muita pressão sobre elas, para que ela fluísse naturalmente. Tínhamos um guião pré-estabelecido. Porém, optamos por não o utilizar, logo foi descartado o uso do gravador nos trabalhos de campo. O guião servia de fio condutor das conversas, ou seja, o conteúdo das conversas era o que constava do guião definido *a priori.* As conversas foram tidas com um total de oito interlocutoras. Porém, apenas três são centrais na dissertação. O critério da escolha das três interlocutoras foi por causa da complexidade biográfica, da experiência com a atividade, da idade do início da atividade, o espírito de partilha de alguns aspetos do percurso de vida.

Com o passar do tempo, no campo, conseguia cada vez mais aprofundar na esfera subjetiva socioprofissional das pesquisadas. A plasticidade das interações permitiram-nos compreender como são significantes as ações que executam no Bairro de Palmarejo.

Segundo o INE (2010) o bairro de Palmarejo é uma zona da cidade da Praia que se localiza a oeste, aonde o acesso pedonal não é diferenciado das vias, e denotam-se carências ao nível das ligações transversais com as duas achadas (Achada de Santo António e Bela Vista) que começaram a ser ocupadas na década de 80. O seu assentamento actual resulta de dois momentos distintos de ocupação: uma área inicialmente espontânea e, posteriormente, um bairro habitacional infraestruturado contíguo.

Reconheço que tive algumas limitações em termos metodológicos, na recolha dos dados, nomeadamente a indisponibilidade delas, o facto de estarem em grupo e não a obtenção de respostas de algumas perguntas pelo desconforto e a carga emotiva. Algumas dessas limitações podem ser explicadas pelo facto de ser uma figura masculina a estudar as condutas e as figuras femininas no seu domínio laboral, pessoal, social e ideológico. Por isso, é racionalmente compreensível que não se percebe tudo o que elas querem dizer, nem elas explicam-nos tudo sobre o que fizeram ou que fazem e fico ali tentando acompanhar os discursos, as rotinas, os comportamentos e o modo de estar delas. Os nomes que vão ser utilizados no corpo do trabalho serão fictícias para podermos preservar a identidade e a integridade social das nossas interlocutoras.

De acordo com a concertação que fizemos, concluímos que o trabalho devia conter três capítulos.

Estrutura da dissertação

O primeiro capítulo é onde debatemos sobre as categorias analíticas que são centrais no trabalho. Primeiramente, as nossas atenções recaem sobre o debate do conceito da informalidade. Daí, é fundamental explicar o conceito da informalidade de acordo com alguns teóricos sociais, citando aqueles que servem para o nosso trabalho, nomeadamente o caso do Portes e Haller (2005) que explora um pouco a relação do estado com o sector informal. Ele vai servir de guia, no sentido de demonstrar que o Estado é aquela entidade que cria regras sobre o sector económico, porém, com o surgimento de uma nova relação económica entre as pessoas dos centros urbanos é repensado o seu papel.

Aliado ao conceito de informalidade, está o conceito de gênero. O primeiro conceito irá levar-nos a pensar como se utiliza o segundo conceito, porque a informalidade se desenvolve nos espaços públicos urbanos envolvendo mulheres, ou seja, vamos explorar o conceito de gênero, partindo da sua conceitualização e para uma leitura crítica do conceito voltada para a realidade socio-laboral caboverdiano. Para o seu debate, destacamos o olhar da pesquisadora Joan Scott (1995). Nesta perspetiva, é usada pela sua visão holística da categoria gênero e a sua preocupação em pensar o termo gênero como uma ferramenta para desconstruir paradigmas. Ela é uma referência a nível mundial no estudo do mesmo e a sua presença é importante no debate à volta da categoria gênero. Quando pensamos no gênero, queremos referir-nos à biografia que é utilizada como caminho ou meio para descrever o percurso de vida e as possíveis mobilidades sociais das figuras femininas que usam os espaços públicos de Palmarejo para exercerem as suas atividades profissionais. De grosso modo, a biografia é utilizada para fins metodológicos, porém, a sua conceitualização é fulcral. Isso ficou a cargo do Carino (1999) que explora a génese do termo biográfico. A perspetiva dele serve-nos pelo facto de ir às raízes do conceito, para provar que não é de hoje que a biografia tem sido um recurso metodológico relevante. A análise e a reflexão do dado biográfico ajuda-nos a responder à problemática e aos objetivos.

A categoria biografia ajuda-nos a compreender o conceito de mobilidade social e aqui é pensada e explorada tendo em conta o papel da educação e a origem social na mobilidade social. É este fator que fez com que usássemos o olhar do Ramos (2009). Ele explora a sociedade escravocrata na África Colonial Portuguesa para tentar demonstrar como é que a educação pode servir de meio para adquirir um certo destaque na sociedade.

O segundo capítulo debate os dados sociais e os números das figuras femininas que estão ocupando cada vez mais o mundo público, através de realização das atividades geradoras de rendimento fora do espaço de conforto familiar. Os dados que serão discutidos são aqueles da realidade cabo-verdiana, designadamente os dados do INE (2008, 2010, 2012) sobre o sector informal em Cabo Verde. Ele é utilizado, para apresentar um panorama da mesma atividade a nível nacional. Estes dados mostram

como o sector informal é analisado pela instituição em Cabo verde. Também a brasileira Tatiana Silva (2012) irá reforçar o debate porque explora o contexto em análise. Ela explora em termos de gênero ou trabalho, práticas sociais e informalidade urbana transnacional. O estudo dela sobre as questões citadas irá guiar-nos no debate desta questão. Ao mesmo tempo é a prova de que o conceito de gênero pode ser utilizado para analisar e pensar a informalidade laboral e desigualdades sociais. Também, estamos a trabalhar o gênero porque se trata de mulheres que vivem da informalidade.

Os dados sobre o gênero e a informalidade dão pistas de que o cenário cabo-verdiano é composto por desigualdades sociais. Apresentaremos algumas notas das desigualdades sociais tomando como exemplo a perspetiva de Carvalho (2015). Ela analisa a situação sócio laboral das mulheres em Cabo Verde e a sua participação na vida pública, ou seja, a sua leitura critica sobre o seio laboral das mulheres. Os dados sociais também fazem-nos pensar que o mundo informal urbano cabo-verdiano é composto por muitas figuras empreendedoras. Neste caso, Vale e Serafim (2010) mostraram muito bem a incarnação deste papel por parte delas para driblarem o quotidiano.

O terceiro capítulo focaliza mais a análise e a reflexão dos dados empíricos. Os dados vão ser apresentados em moldes de diários de campo e conversas informais. A ideia central é compreender se há alguma mudança intergeracional nas atividades que realizam. Para isso, o conceito da mobilidade social ganha especial destaque a partir do nome como Ribeiro (2003, 2006). Ele realizou estudos sobre mobilidade social com enfoque na educação e a escolarização é vista como um dos principais fatores que levam à mobilidade social.

Em termos gerais, foi apresentado o que irá ser debatido, analisado e refletido ao longo do corpo da dissertação. As informações ressaltadas podem ser vistas como a explicação ou o real motivo da existência deste trabalho. Sendo assim, passaremos a apresentar o trabalho guiado pela informalidade urbana.

1- PRIMEIRO CAPÍTULO

1.1-Informalidade urbana

A conceitualização da informalidade está muito ligada à sua dimensão económica. A sua essência vem do estudo da relação económica praticada pelos atores sociais em diversas situações quotidianas que envolvem transações de géneros alimentícios e dinheiro nos diversos centros urbanos do globo. O uso deste conceito para identificar, classificar e categorizar alguns grupos sociais que exercem este tipo de atividade geradora de rendimento nos espaços públicos, é definida de acordo com a leitura de alguns pesquisadores de forma diferenciada. Sendo assim, é importante apresentar neste trabalho um dos primeiros pesquisadores que usou a expressão sector informal; Keith Hart (1973).

Numa entrevista que concedeu ao Ruben Oliven e Arlei Damo (Jan/Junho2016) afirma que a

> Economia informal é aquilo que as pessoas fazem por si mesmas, e hoje concebo essa noção de modo mais inclusivo, para nos ajudar a pensar sobre a humanidade como um todo. Hoje é mais comum as pessoas falarem de informalidade do que de setor ou economia informal. Informalidade ainda tem seu valor, mas é limitado. A noção de setor é enganadora. Falamos de setores agrícola e industrial, que tendem a se localizar em lugares diferentes, então falar de um setor informal sugere que ele ocorre lá, em outro lugar (…) sobre o que eu penso do termo agora, acho que ele serviu a um propósito: apontar para atividades que eram até então desconsideradas. Ele desempenhou um papel na longa transição entre as abordagens centradas no Estado para políticas dirigidas pelo mercado, ao olhar mais detidamente para aquilo que as pessoas faziam no comércio informal, e menos para a economia organizada pelo Estado. Mas os últimos 30 anos de desregulação neoliberal fizeram com que a economia informal se tornasse outra coisa; ela passou a dominar a economia mundial. A agenda neoliberal implica a retirada do Estado da economia (Damo & Oliven, 2016, pp.377-379).

Hart (1973) sublinha[3] que a

> Distinção entre oportunidades de renda formal e informal se baseia essencialmente entre assalariado e o auto-emprego. A variável-chave é o grau de racionalização do trabalho - que é dizer, ou não trabalho é recrutado em uma base regular e permanente os prémios fixos. Maiorias das empresas com algumas medidas burocráticas são receptivas a enumeração por inquéritos e - como tal - constituem o setor' moderna' da economia urbana (p.68).[4]

O assunto que tem a ver com a oportunidade é uma das questões chave na conceitualização do sector informal para ele. A oportunidade é o elemento chave que pode abrir caminhos das que querem entrar no mundo do sector informal para realizarem as suas atividades geradoras de rendimento.

Se tomarmos em conta o caso Cabo-verdiano baseando na reflexão do Hart, podemos observar que a economia cabo-verdiana está sendo pensada em torno da agenda neoliberal. Com a mudança governamental que se deu em 2016 é possível sentir um pouco essa mudança, que começaram pelos discursos liberais aludindo à adoção de ideias empreendedoras principalmente pela camada juvenil do país. Ao mesmo tempo o estado tem adotado medidas estratégicas como a organização e disciplina nas atividades ditas informais pensando no ideal de cidade que quer vender à comunidade internacional. Também são utilizadas, neste trabalho por ser um observador atento, as questões urbanas, ou seja, ao observar a realidade de um dos países do continente africano (neste caso o Gana), deparou com o surgimento de uma nova forma de relação ou transação económica entre os atores sociais nas atividades diárias que realizavam.

[3] Todos os textos consultados originalmente em ingles e espanhol seram traduzidos por mim e o seu original será colocado em nota de rodapé.

[4] The distinction between formal and informal income opportunities is based essentially on that between wage-earning and self-employment. The key variable is the degree of rationalisation of work - that is to say, whether or not labour is recruited on a permanent and regular basis for fixed rewards. Most enterprises run with some measure of bureaucracy are amenable to enumeration by surveys, and - as such - constitute the 'modern sector' of the urban economy.

Neste trabalho, é utilizado o seu ponto de vista, justamente por ser o primeiro a usar e a definir o conceito do comércio informal, mas também por ser um grande observador da realidade de alguns países do continente africano, nesta matéria.

Dai, aproveitamos para trazer o contributo do Yusuff (2011), onde frisa que,

> "Aceitou-se denominar "informal" como trabalho irregular, fora da sanção legal, sem regulação estatal de qualquer formato. Em termos económicos, o mundo do "sector formal" tem existido desdo começo da revolução industrial" (p. 624)[5].

O olhar dele situa-se dentro de um processo de modernização, dependência e neoliberalismo. Por isso, serve para o nosso trabalho, pois nos centros urbanos cabo-verdianos estão sendo implementadas políticas públicas voltadas para a modernização dos mesmos para atrair mais investimento externo.

Estevão (2014) na sua perspectiva acrescenta e reforça a ideia do Yusuff (2011) afirmando que o

> Emprego formal é, pela sua natureza, próprio do sector moderno da economia urbana, ou seja, do sector formal da economia, onde são gerados os rendimentos formais. Todas as restantes actividades- aquelas que a generalidade dos instrumentos estatísticos não consegue captar-constituem o sector informal da economia e as modalidades de emprego que integra (em geral, auto-emprego) são a base dos rendimentos informais (p.53).

Por ser economista, a visão dele sobre o que é formal/informal é muito importante. Pois, apresenta uma perspetiva clara acerca da dualidade sectorial em causa e Cabo Verde é uma das suas áreas de pesquisa, a partir da abordagem económica das relações sociais.

No que tange a origem do conceito de informalidade,

> O conceito nasceu no início dos anos 70, servindo para designar as actividades de pequenas proporções destinadas essencialmente a propiciar rendas de subsistência a novos habitantes das cidades dos países em desenvolvimento que o êxodo rural amplificado pela modernização, senão pela

[5] The informal economy is defined as irregular work, outside legal sanction, without State regulation of any sort. In the economic sense, the World "formal sector" has been in existence since beginning of industrial revolution.

> industrialização, tendeu a multiplicar. Em seguida, a noção estendeu-se ao conjunto das pequenas actividades que, dada a sua origem tradicional ou seu carácter recente e espontâneo, permaneceram à margem das legislações e das diversas formas de registro, especialmente estatísticas (Charmes, 1997, p.64).

Esse autor enquadra o surgimento do conceito de informalidade e confirma o que foi dito pelo Hart (1973) no início desta secção. A informalidade pode ser visto como um sector que gera emprego para a camada da população mais vulnerável. Em Cabo Verde, nem todos os actores sociais conseguem encontra emprego no sector formal da economia, e o sector informal surge como uma oportunidade de garantir o sustento da família e o auto-emprego.

É alimentada a ideia que as pessoas que estão afilhadas a esse sector em Cabo Verde são pessoas que muitas vezes são associadas à pobreza, mesmo que não sejam pobres. Mas, o que ganham com as atividades geradoras de rendimento que realizam dá para manter a família, porém, com algumas dificuldades. Essa auto-ocupação é um meio para estarem ocupadas e que utilizam para sanar as suas necessidades diárias.

Ainda no quadro do seu surgimento, é importante frisar também que surgiram expressões quotidianas usadas pelos actores que exercem este tipo de actividade que acabam por exprimir um pouco sobre o que fazem.

Neste caso trazemos a contribuição do Estevão (2014) que traz a expressão

> "Se virar" (A expressão traz o sentido de sustento, de ir para lá e para cá, de utilizar habilidades, achar caminhos). Se manifesta, entre outros, em milhares de empreendimentos de base caseira, em pequenos serviços, em empreendimentos alternativos e solidários, em actividades culturais e musicais, em feiras de troca, na agricultura familiar, nos vendedores de rua, no pequeno comércio, no buscar e levar documentos e materiais, na reciclagem, nas microempresas que entram e saem da formalidade, do negócio próprio e em muitas outras inserções não necessariamente tão visíveis no dia-a-dia (pp.30-31).

Reforçando a contribuição a cima, o teórico Norman Long (2001) usa o conceito "*Livelihood*",

> Para frisar que expressa melhor a ideia de indivíduos e grupos buscando sustentar uma vida, tentando resolver suas diferentes necessidades económicas e de consumo, lidando com incertezas, respondendo às novas oportunidades e escolhendo entre diferentes posicionamentos de valores … em muitas situações, confederações de lares e redes interpessoais extensas abraçando uma variedade de actividades e cruzando contextos rurais e urbanos, como também fronteiras nacionais, constituem o tecido social dentro do qual *livehoods* e o fluxo de bens se encontram (p.54)[6].

Os conceitos utilizados por Estevão (2014) e Long (2001), os respetivos significados dos mesmos vão ao encontro aos que foram usados no quotidiano cabo-verdiano pelos atores sociais. Por exemplo, o conceito "se virar" é usado muito pelas denominadas vendedeiras ou rabidantes para designar as mulheres ou grupo de mulheres que realizam atividades geradoras de rendimento para sustentar a sua vida e as suas famílias. Vale destacar que o nome dado a essas figuras femininas, no contexto urbano, é ambíguo. Uns chamam-nas de rabidantes, outros de vendedeiras, alguns de procuradoras de vida. Por exemplo, a Maria auto-intitula de vendedeira, incluindo as filhas. A Luísa rotula o que faz de "venda" e não diz qual é a sua profissão. A Joana considera-se vendedeira e rabidante, simultaneamente. As pessoas com que ela negocia no mercado do Plateau para adquirirem alguns géneros alimentícios para a revenda no Palmarejo chama-as de "rabidantes". É o nome que é utilizado por algumas figuras femininas que exercem actividades geradoras de rendimento para referirem as atividades realizadas tanto pela Joana como a Luísa.

Além desses conceitos que surgem para diferenciar as mulheres que vivem das atividades num vaivém, aportando algo, é importante ver como Haller e Portes (2004) vêm a economia informal e nesse vaivém envolve questões de transações socioeconómicas. Neste sentido Haller e Portes (2004) entendem que o

[6] Livelihood best express the idea of individuals and groups striving to make a living, attempting to meet their various consumption and economic necessities, coping with uncertainties, responding to new opportunities, and choosing between diferente value positions … Indeed in many situations confederations of households and wide-ranging interpersonal networks ambracing a variety of activities and crosscutting rural and urban contexts, as well as national frontiers, constitute the social fabric upon which livelihoods and commodity flows are interwoven.

> Conjunto de actividades que integram a economia informal é enorme e constituem um exemplo único da forma que as forças sociais afectam a organização das transacções económicas. O fenómeno da economia informal é enganosamente silencioso e extraordinariamente complexo, trivial em suas manifestações quotidianas e capaz de subverter a ordem económica e política das nações (p.7)[7].

Haller e Portes (2005) quando falam do paradoxo do controlo do estado, alegam que a,

> Mercantilização do estado não representa o triunfo da economia informal, mas, mais bem, que a distinção entre os dois setores tornam-se mais desfocada. O fato de que o estado não cumprir qualquer papel controlador significa que está à mercê das forças de mercado e não há uma economia formal. Portanto, a diferença entre o informal e o formal perde o significado desde que todas as actividades económicas assumem um personagem muito semelhante ao que é conhecido como informal. Este triunfo da "mão invisível" não implica que o desenvolvimento capitalista, como isso poderia ser deduzido da teoria da escolha pública e a crítica de Soto sobre o estado mercantilista… É a intervenção do estado na vida econômica que cria um "espaço formal" de previsível e transações executáveis onde o capitalismo moderno pode florescer. Uma visão evolucionária ingênua da economia in-line representaria-a como dominante durante uma era inicial de regulação fraca, enquanto gradualmente se tornando marginal e até insignificante como todos facetas da atividade econômica estão sob controle estatal. De fato, em grande parte o oposto é o caso. Uma vez que as atividades formais são definidas precisamente pela sua passagem e escapando de tais controles, segue-se que quanto maior o escopo e alcance da tentativa de estado regulamentos, mais variadas as oportunidades de contorná-los[8] (p.409).

---

[7] El conjunto de actividades que integran la economía informal es enorme y constituye un ejemplo único de la forma en que las fuerzas sociales afectan la organización de las transacciones económicas. El fenómeno de la economía informal es a la vez engañosamente sencillo y extraordinariamente complejo, trivial en sus manifestaciones cotidianas y capaz de subvertir el orden económico y político de las naciones.

[8] Marketization of the state does not represent the triumph of the informal economy so much as the elimination of the distinction between the two sectors. Where the state does not regulate anything because it is at the mercy of market forces, there is no formal economy. Hence, the formal/informal distinction loses meaning since all economic activities approach the character of those labeled informal. This triumph of the “invisible hand” does not lead to capitalist development, as would be anticipated from public choice theory and from de Soto’s critique of the mercantilist stateIt is the intervention of the state in economic life that creates a “formal space” of predictable and enforceable transactions where modern capitalism can flourish. A

Haller e Portes (2004) acrescentam ainda que

> A economia informal pode caracterizar-se como uma resposta da sociedade civil a uma interferência não doseado do estado. O carácter universal do fenómeno reflete a grande capacidade de resistência da maioria das sociedades ao exercício do poder do estado. Você pode declarar oficialmente que uma determinada atividade é ilegal, sem por isso desaparece. Você pode legislar o desaparecimento de todo um sector económico, e ainda isso pode sobreviver e prosperar numa forma "subterrânea" (p.42)[9].

Se pegarmos o caso cabo-verdiano dá para perceber que há uma certa resistência das mulheres que realizam as actividades geradoras de rendimento nos espaços urbanos de Palmarejo no tocante ao cumprimento das regras da autarquia local, que por sua vez são encarregados de fazer cumprir as regras emanadas pelos superiores hierárquicos. Porém, em relação à última parte do trecho acima, ainda é muito cedo para falar do desaparecimento desse sector económico.

Os contributos de Haller e Portes (2004, 2005) servem-nos na medida em que possamos usar as suas ideias acerca da informalidade no que concerne à relação do Estado e o papel dele na regulação e na fiscalização do sector informal. A posição do Estado tem originado muita resistência das mulheres que vivem das atividades informais em Cabo Verde. No dia-a-dia cabo-verdiano dá para perceber que mesmo com muitas regras no tocante ao comércio e ao uso dos espaços públicos, há mais pessoas a viverem da informalidade. A sociedade cabo-verdiana acaba por produzir "sem querer" e de forma indireta cada vez mais pessoas que vivem dessas práticas quotidianas.

Durante esta secção dedicada à exploração do conceito informalidade urbana/sector informal, deu para perceber que é um fenómeno urbano complexo, onde alguns grupos

---

naive evolutionary view of the informal economy would depict it as dominant during an early era of weak regulation, whilgradually becoming marginal and even insignificant as all facets of economic activity fall under state control. In fact, largely the opposite is the case. Since informal activities are defined precisely by their bypassing and escaping such controls, it follows that the greater the scope and reach of attempted state regulations, the more varied the opportunities to bypass them.

[99] La economía informal puede caracterizarse como una respuesta de la sociedad civil a una interferencia no deseada del Estado. El carácter universal del fenómeno refleja la gran capacidad de resistencia de la mayoría de las sociedades al ejercicio del poder del Estado. Se puede declarar oficialmente que una actividad determinada es ilegal sin que por ello desaparezca. Puede legislarse la desaparición de todo un sector económico y sin embargo éste puede subsistir y florecer en forma subterránea.

sociais (as mulheres na sua maioria) usam os espaços públicos para realizarem as suas actividades económicas. Sendo assim, é fulcral explorar o conceito de gênero, porque ainda hoje o mundo do trabalho está a reproduzir as desigualdades de gênero e a conquista do acesso ao espaço público é um grande passo para as mulheres.

1.2- Gênero

A categoria de gênero tem sido uma categoria analítica muito recorrente às Ciências Sociais, muito pela sua utilidade, aplicabilidade e operacionalização na construção da realidade social. Neste trabalho, como estamos a explorar um universo feminino, daí é fulcral realizarmos um debate em torno do conceito de gênero segundo a perspectiva ou a partir de um olhar feminino. O olhar das pesquisadoras na área é muito crítico, apontando denúncias de como a sociedade tem reproduzido as desigualdades sociais de gênero em termos social, politico, cultural, económico e laboral.

Na opinião da economista e feminista Scott (1995),

> As palavras, como as idéias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história (…) Na sua utilização mais recente, o termo "gênero" parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". O termo "gênero" enfatiza igualmente o aspecto relacional das difinições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo "gênero" para introduzir uma noção relacoanal em nosso vocabulário análitico. Ssegundo esta visão, as mlheres e os homens eram dfinidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado (pp.71-72).

Não há nada melhor que começar este debate sem fazer referência a Scott. Ela tem uma visão holistica da categoria gênero e faz um enquadramento temporal demonstrando que as motivações e os desejos das mulheres académicas giram em torno das disigualdades sóciohistóricas de gênero. O uso dela, neste trabalho, é para aquecer o debate e enquadrar o leitor nas relações de gênero complexas em várias esferas da vida humana.

Daí, Grassi e Évora (2007) complementam dizendo,

> O termo "gênero" aparece nas Ciências Sociais como conceito para defender que, independentemente das diferenças biológicas há muitas maneiras de construir diferenças sociais. As diferenças entre homens e mulheres são uma construção social, e as variáveis culturais que encontramos nos desempenhos quotidianos dos papéis masculinos e femininos não resultam de uma inevitabilidade biológica, mas de opções sociais, conjunturais e culturais. Estas criam e legitimam ideias de comportamento especificamente feminino e masculino que estão relacionadas com o estatuto social de cada um destes agentes, estando na base de relações estruturais de desigualdade entre homens e mulheres que se manifestam tanto no mercado de trabalho como nas estruturas políticas ou no interior da família (p. 14).

As autoras acima referidas trabalham a questão da adoção ou empréstimo do conceito de gênero pelas Ciências Sociais. Com este reforço metodológico é possível perceber em alguns estudos que envolvem relação homem/mulher a desconstrução dessa ideia de diferenças e trabalhar a realidade vivida por ambos como construções sociais. Em outras palavras, elas são úteis neste trabalho no sentido de nos fornecer elementos para aprofundar os debates sobre o gênero nesta secção.

Então, Domingues (2000) enfatiza que os

> Estudos de género enfatizam as relações de gênero nas suas várias dimensões, relações entre mulheres, entre mulheres e homens, entre homens e homens, entre cada um destes grupos e as instituições sociais, que variam entre diferentes tempos e grupos sociais, uma vez que não há nada biológico que determine como serão elaboradas as divisões sociais (p. 52).

A autora trabalha a rede de relações que os estudos do gênero problematizam, ou seja, essa riqueza em termos de dados sociais no tocante às dimensões das relações criadas dentro do quadro social envolvem atores sociais e estruturas sociais estruturantes. Isso faz nos pensar nas nossas interlocutoras, uma vez estando nos espaços públicos se relacionam com diferentes grupos sociais, incluindo instituições sociais. A cada transacção comercial há troca de signos e símbolos, mesmo que não sejam verbais. De

facto no dia-a-dia das nossas interlocutoras cruzam-se olhares, impressões, sensações, com terceiros em tons adversos.

> O efervescer da categoria gênero situa-se, sobretudo a partir da década de 70 (séc. XX), e apartir dali a sua centralidade analítica tem vindo a traduzir-se em múltiplas investigações nos espaços académicos e no seu manejo nos espaços públicos e políticos, tornando-o não apenas uma categoria social e cultural mas também política, possibilitando interpretações diferenciadas e por isso, nem sempre pacíficas na sociedade (…) Pois, no contexto cabo-verdiano, na época colonial era possível visualizar a marginalização da mulher no acesso às oportunidades educativas e/ ou questionar as hierarquias de género e de classes sociais que marcaram o sistema educativo cabo-verdiano, outrora (…) Nessa altura, o sistema escolar legitimava as diferenças sociais sob clivagens discriminatórias: classe, género, língua, raça e origem. Essa situação torna-se particularmente mais expressiva se se particularizar a análise da problemática de género no contexto rural cabo-verdiano (Silva & Fortes, 2011, pp.8-14).

De grosso modo, segundo Grassi (2003)

> "Gênero é uma categoria analítica que serve como suporte teórico para desconstruir desigualdades que se originam na categoria de gênero e que mudam no tempo conforme os contextos socioeconómicos e culturais" (p.255).

De facto, dá para perceber que a categoria gênero muitas vezes é moldada pela estrutura de relações de poder que é criado nestes espaços públicos, quando as mulheres se relacionam entre si e com terceiros. A autora é utilizada aqui, porque aborda a questão da função da categoria gênero. Ajuda a pensar em um dos papéis da categoria gênero; a desconstrução da realidade entre os diferentes sexos.

A socióloga marxista Saffioti (1992) diz,

> Essas relações não presumem o esmagamento da personagem que figura no pólo de dominada-explorada, ao contrário, integram, de maneira constitutiva, a necessidade de preservação da figura subalterna. Sua subalternidade, contudo, não significa ausência absoluta de poder, este existe nos dois pólos da relação, ainda que em parcelas significativamente desiguais. Em todas sociedades conhecidas, as mulheres detêm parcelas de poder,

> que lhes permitem meter cunhas na supremacia masculina e, assim, cavar-gerar espaços nos interstícios da falocracia. As mulheres, portanto, não sobrevivem graças exclusivamente aos poderes reconhecidamente femininos, mas também mercê da luta que travam com os homens pela ampliação-modificação da estrutura do campo do poder *tout-court*. Como na dialética entre o escravo e seu senhor, homem e mulher jogam, cada um com seus poderes, o primeiro para preservar sua supremacia, a segunda para tornar menos incompleta sua cidadania (p.184).

Na sua leitura marxista da categoria de gênero, percebe-se que ela observa que há um jogo de poder entre o homem e a mulher e reconhece que são em parcelas desiguais. Porém, ela não tenta confrontá-lo. No caso das nossas interlocutoras, o poder e as ferramentas que possuem, usam-nos para terem acesso ao espaço público e exercerem a sua atividade geradora de rendimento fora do domínio familiar para justamente autossustentarem e romperem com essa questão da dependência masculina. A leitura da autora faz-nos pensar que as nossas interlocutoras lutam com as ferramentas que dispõem para poderem continuar a exercer uma certa autonomia no seio laboral e a tentar prosperar nos espaços públicos.

A luta pelo reconhecimento das mulheres no seio laboral é um processo lento. Isso não quer dizer que elas desistem, tão facilmente do que estão fazendo para o bem-estar familiar. A autora referida é parte de uma leitura muito crítica da sociedade cabo-verdiana no tocante ao reconhecimento das mulheres do espaço laboral. As nossas interlocutoras são exemplos de mulheres, que passam muito tempo fora do lar à procura de renda para sustentar a família e ao mesmo tempo conseguem arranjar tempo para tratar dos assuntos relacionados com a manutenção do tecido social. Também muitas vezes chamam a atenção dos turistas que deambulam pelas ruas das cidades e até, tiram algumas fotografias suas como recordação.

Silva (2015) entende que,

> As relações sociais, particularmente os familiares foram, desde as sociedades tradicionais, marcadas por inúmeras contradições, isto é, longe de ser um espaço de afectividade e de autonomização da mulher, a família tradicional constituía um lugar de subordinação à autoridade dos homens (…) Mas, com o passar do tempo houve mudanças em vários domínios

> (demográficos, económicos, sociais e políticos) acompanharam a evolução e a transformação das sociedades conduzindo à modernidade (…) e a família emerge como espaço central dos afectos e da expressão dos sentimentos (pp. 38-39).

De grosso modo, ela tenta caracterizar o tipo de relações familiares, das famílias do interior da ilha de Santiago, que é o caso de algumas interlocutoras. As interlocutoras são oriundas das zonas rurais e nessas zonas o modelo de sociedade é tradicional e sabendo desses valores compartilhados com os outros membros da mesma família, buscam criar lares e laços nos centros urbanos onde há mais presença de sentimentos, mesmo não estando muito tempo no convívio com os filhos.

A responsabilidade, muitas vezes, faz a diferença no mundo da informalidade urbana. Às vezes, também não é reconhecido o papel que a mulher tem para tentar driblar os novos desafios da nossa sociedade. A categoria analítica, gênero aplicada nesta seção foi pensando nas interpretações das relações sociais voltadas para o seio laboral, fazendo alusão às sociedades tradicionais, como sendo as que de uma forma subtil atribuem papéis sociais de gênero aos atores sociais, que por sua vez carregam consigo ao longo da vida.

A construção do percurso/trajetória de vida das nossas interlocutoras via análise biográfica, servirá de pista para compreendermos o percurso de vida das nossas interlocutoras a ponto de explicarem como ingressarem no seio laboral (será explorado no segundo capitulo). Estou falando da Maria, da Joana e da Luísa. São três gerações díspares e frutas de contextos sociopolítico adversas, porém dedicam as suas vidas a venda de géneros alimentícios diversos (frutas, legumes, hortaliças e folhas de chá). Uma tem 52 anos, a outra tem 36 e a última tem 24 anos de idade repetitivamente.

1.3- Biografia e a mobilidade social

A categoria biografia é uma das categorias centrais da dissertação. Nesta secção é usada como recurso metodológico para explicar porquê que o vamos utilizar para descrever a vida das interlocutoras.

Desta feita Carino (1999) salienta que o termo

> Biografia foi criado desde os tempos do neoplatónico Damaskios, no século V a.C, fruto (de bios, vida e gráphein, escrever, descrever, desenhar). Daí a narrativa de trajetórias individuais permanece em destaque, suscitando interesse, quaisquer que sejam sua forma ou as intenções que motivam sua elaboração (p.154).

Ambos autores são usados neste trabalho pelo facto de usarem uma definição que vai ao encontro com o que vamos fazer neste trabalho, ou seja, a descrição da vida das nossas interlocutoras centrando nas narrativas das trajectórias individuais.

No olhar de Pereira (2000)

> Biografias baseiam-se na seqüência de vida individual e se define como a história de um indivíduo redigida por outro. Existe, aqui, a dupla intermediação que a aproxima da história de vida, consubstanciada na presença do pesquisador e no relato escrito que se segue (p.117).

Yves Chevalier (1979) acrescenta que,

> Enquanto na autobiografia o trabalho de edição é feito pelo próprio narrador, que seleciona e constrói seu texto, na história de vida, para preparar a publicação do texto biográfico, o investigador tem de realizar três operações sucessivas: o recorte do texto, a montagem e a tradução (passagem da linguagem oral para a escrita) (pp. 91-92).

Estes autores acima referidos fornecem-nos ferramentas metodológicas, ou seja, nos ajudam no sentido de fornecerem pistas de como trabalhar os relatos biográficos das pessoas. Pois, não basta só ter um discurso abordando o percurso das interlocutoras. Mas, sim tem que a ver um processo de filtragem onde o narrador dá vida as informações fornecidas pelas interlocutoras de acordo com os objectivos do trabalho.

Por conseguinte, no entender de Oliveira (2017)

> Não é por acaso, que a ambição de narrar vidas, deu origem ao gênero biográfico, ao mesmo tempo que tornou notório o seu maior dilema, também não deixaria de tornar evidentes os paradoxos do problema da identidade, isto é, a pressuposição de um sujeito constante e idêntico a si mesmo na disparidade dos eventos que compõem a sua existência (p.431).

Neste trabalho, é levada em consideração a questão da existência de percursos de vidas idênticas. A chamada de atenção da Oliveira (2017) citado faz todo o sentido. É um alerta para tentarmos desconstruir ou desmembrar a ambição de narrar vida. A ambição muitas vezes pode ser uma armadilha em termos de tratamento dos dados.

Agora, vamos fazer uma pequena apresentação de uma das nossas interlocutoras, nomeadamente a Maria. No parágrafo seguinte, vou narrar ou descrever o percurso dela, porque esta seção é dedicada à biografia e como tal vou descrever o percurso de vida da nossa interlocutora, tendo em atenção as instruções metodológicas. Também serve para relatar quem é a Maria e ao mesmo tempo vamos poder analisar esses dados, que dizem respeito ao contexto social de origem das interlocutoras.

A Maria disse-me que nasceu há 52 anos, no município de São Lourenço Dos Órgãos, (considera uma cidade do interior da ilha de Santiago), filha de Francisco e da Filomena. Ambos católicos e naturais de São Lourenço Dos Órgãos, mas de localidades diferentes. Fixou residência na capital do País há 29 anos atrás, tem três filhos, designadamente A Pat, a Branca e o Hélder. O pai da primeira faleceu quando ela tinha um ano e três meses de idade. Os dois últimos filhos têm o pai em comum. Actualmente reside no Bairro de Achadinha Pires, com o companheiro Benvindo (pedreiro) e o filho Hélder (estudante).

Quando a Maria veio ao mundo, o pai dela tinha 52 anos e a mãe 39 anos de idade. Apesar de diferença de idade, eles entendiam-se muito bem e eram muito bem casados-ela vincou. No entanto, ele não morava juntamente com os filhos e a esposa. Com o adoecimento da avó (mãe da sua mãe) da Maria, o pai veio residir com a família. Ele veio morar em São Lourenço Dos Órgãos, porque encontrou um trabalho muito longe e podia ficar junto da família. Antes, saia da Montanha onde ele nasceu, para trabalhar no

Pico Leão (Localidade pertencente à Câmara de Ribeira Grande de Santiago) na lavoura da horta. Na época em que a Maria relata, o casamento no interior da ilha era muito importante e é até hoje. Pois, segundo algumas fontes ligadas às gerações mais vividas, um filho não nascia sem que se consumasse o casamento com uma mulher. O casamento era de tal forma importante que representava os valores e os ideais trabalhados na família. Uma mulher só envolvia com um homem depois do casamento e a mulher ou a noiva tinha que estar virgem na noite de núpcias. A traição nem pensar, pois era uma vergonha para a família.

Até dá para ter uma ideia ou visualizar as montanhas que a Maria descreve, falando sobre eles, que parecia estar desenhando-as num quadro ou num papel qualquer. Logo, a imaginação faz o que sabe de melhor, leva-nos a imaginar que estamos a andar e a flutuar entre estas montanhas.

A casa onde o pai dela foi morar não tinha subida nem descida - gesticulou). Ele não podia subir nem descer, mesmo assim tinha um trabalho muito longe. O local, a Maria desconhece. Porém, o pai ia, porque tinha caminhos. De onde ela morava, tinha caminhos que passava à frente das montanhas, descia os vales e subia as montanhas e chegava ao "Monte Txota[10]". Havia um fundo, a partir dali chegava ao Pico Leão. Passado algum tempo, o pai dela faleceu e isso foi há vinte e cinco anos atrás. Ele estava doente, partiu para o outro mundo aos oitenta e quatro anos, deixando-a órfã de pai. Acrescentou que os irmãos dele, isto é, os tios dela faleceram muito jovens. Apenas um deles teve filho e foi um filho. Os outros não tiveram filhos. Faleceram muito jovens, com dezanove, vinte, vinte e tal anos. A Maria disse-me que nasceu há 52 anos no município de São Lourenço Dos Órgãos (considera uma cidade do interior da ilha de Santiago), filha de Francisco e da Filomena. Ambos católicos e naturais de São Lourenço Dos Órgãos, mas de localidades diferentes. Fixou residência na capital do país há 29 anos atrás. Tem três filhos. A Pat, a Branca e o Hélder. O pai da primeira faleceu quando ela tinha um ano e três meses de idade. Os dois últimos filhos têm o pai em

[10] Um miradouro que fica localizado na localidade de Rui Vaz, no município de São Domingos, no interior de Santiago. Proporciona uma vista panorâmica de toda a ilha de Santiago. Possui uma pousada e uma estação de radiodifusão.

comum. Actualmente reside no bairro de Achadinha Pires com o companheiro Benvindo (pedreiro) e o filho Hélder (estudante).

Apesar de ter convivido durante curto período de tempo junto com o pai, percebe-se que tem um certo apego afetivo ao pai. A Maria descreve de forma minuciosa o percurso de vida do pai, utilizando as memórias que tinha dele subindo e descendo as montanhas. São lembranças que resgatam as memórias que ela tem do pai. Ele foi uma figura fulcral no seio familiar – sublinha, dizendo que em casa onde ela cresceu eles eram oito pessoas, incluindo os pais. Dos oito, cinco eram rapazes (um dos irmãos já faleceu) e três eram meninas (incluindo ela). Era a mais nova da casa, ou seja, era a "codé[11]" da casa. Condição e posição familiar que aliviou alguns deveres domésticos dela em casa.

Ela deixou bem claro que é descendente de uma família numerosa do interior da ilha de Santiago, onde o pai e a mãe dela trabalhavam nos sectores ligados à agricultura e ambos eram provedores do lar. Em casa onde nasceu e cresceu, compartilhou os primeiros doze anos da sua vida com os restantes membros da sua família, nomeadamente irmãos e os pais. Estando na idade escolar (6 anos) começou a frequentar à escola, espaço onde era presença constante até ao 4º ano do ensino básico/fundamental. Numa das idas à escola, relatou que houve um ano que tinha chovido muito e isso levou com que houvesse muitos insetos. Um dia, ia à escola, acompanhada do irmão, mas o caminho estava infestado de insetos e ficou a pedir ao irmão para dar um jeito neles. Como ele não podia dar um jeito em todos, ela desistiu de ir à escola, justificando que foi por causa dos insetos (tinha fobia).

Baseando nos relatos de pessoas vividas na sociedade cabo-verdiana, em alguns períodos do século passado, mais precisamente nos anos 60, 70 (em muitos casos) era "impensável" uma mulher frequentar a estrutura escolar. Pois, fundamentavam que iriam aprender a ler e a escrever para mandar cartas aos namorados, e que também frequentariam à escola para namorar. Assim era o modo de pensar de muitos pais e chefes de família do interior da ilha de Santiago no século passado. Porém, não é o caso

[11] Nome comum atribuído ao último filho ou o filho mais novo de um casal ou de uma mãe/pai no cenário parental cabo-verdiano.

dela. Tudo indica que ela viveu numa época mais liberal e que teve oportunidade de frequentar o ensino escolar.

Por falta de condições dos pais não podia estudar mais do que o 4º ano de escolaridade do ensino básico. Pois, a família não era tão abastada e para continuar os estudos, ela tinha que mudar de endereço, ou seja, vir residir na cidade da Praia ou apenas todos os dias vir para a cidade. Mas na altura era muito difícil, porque os pais tinham que pagar a estadia, à escola e a alimentação durante o período escolar e eles não podiam fazer isso na altura. No entanto, dá para perceber que ela queria estudar mais e por falta das circunstâncias não pôde dar continuidade aos estudos e se pudesse, hoje seria uma médica - ela vincou.

Deixar de estudar no cenário cabo-verdiano é um duro golpe do destino. Pois, o país é desprovido de recursos naturais e a aposta nos recursos humanos é uma mais valia no arquipélago. Na altura, o sistema educativo estava organizado de uma forma diferente, ou seja, não tínhamos que estudar até ao 12º ano de escolaridade e depois tentar ingressar na universidade (o arquipélago não tinha). Não temos informações precisas sobre como era o sistema educativo cabo-verdiano. Segundo fontes não oficiais, com menos escolaridade conseguia-se ingressar no mercado de trabalho. Pois, o ensino era muito reforçado até o 8º ano. Uma pessoa com este nível podia lecionar, por exemplo.

No caso desta Maria e das outras "Marias", os recursos financeiros são o calcanhar de Aquiles no mundo escolar, ou seja, sem dinheiro não há como estudar e progredir no sistema escolar cabo-verdiano. Na época em que estudou, tudo indica que não existiu instituições que apoiavam os estudantes nestes casos.

A cidade da Praia, na altura, tinha condições para que os estudantes que residiam no interior de Santiago e noutras ilhas pudessem dar continuidade aos estudos. Citamos aqui o Liceu Domingos Ramos (LDR). Liceu que instruiu muitos quadros cabo-verdianos. Porém, a Maria não fez parte e não pôde ser o que queria ser no futuro.

O período histórico que ela frequentou, o sistema escolar era os primeiros cinco anos da década de setenta do século passado. Época em que o país estava sob o domínio colonial português. Em 1975, o País ganhou a independência. O período era opressivo,

não havia muita liberdade e a sociedade estava em transformação e muito tensa, segundo algumas fontes.

Até aqui, percebe.se que fala da sua infância com uma certa carga nostálgica. Também deu para perceber que era um pouco "mimada" pelos familiares. Numa das prosas, conta que na época agrícola ela ficava em casa a preparar as refeições, para depois levar para o campo. A sua presença no campo de cultivo familiar era pontual. Pois, tem fobia aos insetos, à qual a família esta ciente. Então, não sentem muito a sua falta e não exigem a sua presença no campo de cultivo familiar. Porém, um dia ela foi trabalhar no campo e de repente um primo seu a intimidou com um dos insetos e ela de imediato desatou a gritar e a correr pelo campo, logo uma das tias dela reprimiu o rapaz e o pai disse-lhe para se deixar de frequentar o campo de cultivo. Se ela o fizesse batia-a com um pedaço de pau. Dito e feito! O contexto descrito nas narrativas da Maria era de meio rural. Contexto onde viveu muitas aventuras juntamente com os entes queridos. Ela fala do trabalho no campo de cultivo familiar com boas recordações, mesmo reconhecendo que houve momentos menos bons. Como é o caso do primo dela, que tenta sempre a intimidá-la, sabendo que ela tem fobia dos insetos. Essas informações demonstram que a Maria é uma pessoa sensível e que carrega consigo muitas lembranças do seu ambiente familiar e que ajuda a compreendê-la. Ela é uma pessoa que tem muitas experiências e vivências ligadas ao contexto rural. Segundo estas pistas, a sua trajetória no mundo de trabalho envolvem a sua presença no campo de cultivo na época das chuvas. Uma prática típica do meio rural e que muitas famílias garantem o sustendo dos seus familiares.

Quando ela não estava no campo de cultivo, dedica o seu tempo nos afazeres domésticos sobre o olhar atendo e orientação da irmã mais velha, a Felipa. Ela conta que sua irmã foi uma figura muito importante na sua educação e criação. Não somente dela, mas dos outros irmãos. Pois, na ausência dos pais era a sua irmã que cuidava de tudo e todos em casa.

O contexto familiar de origem da Maria é similar da Joana e da Luísa, no que tange ao meio de ascendência. Todas elas cresceram numa família numerosa, em municípios

caracterizados por meios rurais, onde as famílias sobreviveram de atividades ligadas à agricultura em propriedades próprias e de terceiros e atividades ligadas à pecuária. O meio condiciona um pouco o ofício que os pais dedicavam ao tempo produtivo. Das três, somente a Joana que cresceu sem a presença do pai. Até hoje, fala muito do seu pai e sempre tenta procurar informações acerca dele.

Para Bourdieu (2006),

> Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. Eis por que é lógico pedir auxílio àqueles que tiveram que romper com essa tradição no próprio terreno de sua realização exemplar. Como diz Allain Robbe-Grillet, "o advento do romance moderno está ligado precisamente a esta descoberta: o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório" (p.183).

De grosso modo Velho (1994) entende que os

> Indivíduos modernos nascem e vivem dentro culturas e tradições particulares, como seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas, de um modo inédito, estão expostos, são afectados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes sem sua escala e extensão e a construção de identidades básicas subordina-se a constelações culturais singulares e a conjuntos de símbolos delimitáveis. O que está em jogo é um processo histórico abrangente, e a dinâmica das relações entre os sistemas culturais com repercussões na existência de indivíduos particulares (p.38).

É preciso relativizar as ideias do Gilberto Velho que usamos. Ele defende uma teoria que serve para algumas sociedades, pois a sua teoria é pensada para classes médias do Rio de Janeiro e é preciso relativizar, porque estou a abordar uma realidade distinta. Aqui, ele é utilizado no tocante à sua análise sobre as sociedades modernas complexas,

onde vê o indivíduo dentro de campo de possibilidades. Campo onde muitas vezes as trajetórias dos indivíduos são moldadas.

Feitas estas considerações, é fulcral demonstrar a relação existente entre o percurso sócio- histórico das mulheres, a estratificação e a mobilidade sociais, sendo como processos inerentemente sociais que são aqui apresentados, para abordar o percurso das vendedeiras no contexto socioecónomico cabo-verdiano. O percurso social das mulheres, neste trabalho, na lógica de mobilidade social, é marcado por lutas e labutas para terem reconhecimento da parte do homem/mulher e acesso a espaços sociais fulcrais tão desejados.

A Maria é um dos exemplos que podemos constatar como um caso de mobilidade social. Tanto o seu itinerário como das outras interlocutoras e figuras equiparadas a elas, é possível averiguar a existência da mobilidade regional (não é o foco do trabalho) e a mobilidade social. O começo dela, no mundo laboral, serve como incentivo para explicar um pouco a mobilidade social das vendedeiras. Com o passar do tempo, o endereço permanente dela passou a ser o Bairro de Achada Santo António, na cidade da Praia, a casa da irmã Felipa. Nos finais de semana a Maria não ia muito ao interior da ilha de Santiago, porque os pais frequentavam muito a capital do País, assim aproveitavam para abafar as saudades de ambas as partes.

Parece que os pais aprovaram esta sua mudança para a capital do País com muita tranquilidade. Tudo indica que os pais dela são liberais (não quer dizer que não houve alguma concertação *a priore* entre eles) e apoiaram este projeto de ela vir residir na capital e iniciar um novo ciclo de vida. Este novo ciclo de vida contou com a criação de novos contactos e novos saberes sobre questões que envolvem, por exemplo, as motivações. Motivação que serviram de impulso na procura de novas formas de tentar tirar o máximo proveito do sector laboral e quem sabe ascender socialmente. A mobilidade social parece meio extrínseco, mas a sensação que fica é que ele sempre foi um dos objetivos das interlocutoras.

A luta pela mobilidade social das nossas interlocutoras estava presente na vida de outras figuras femininas na era do colonialismo, e nós achamos importante referir a este

contexto repressivo e excludente, talvez pudesse ser considerado mais um elemento na procura da mobilidade social.

Neste âmbito,

> Os estudos sobre a mobilidade social acentuam o relevante papel da educação no decurso da ascensão social do negro e do mestiço, não só pelas melhorias das condições económicas daqueles que investem na educação, como também pelo prestígio e *status* social que acabam por adquirir. Na África colonial portuguesa, o factor educação (sinónimo de civilização) era a condição necessária para a ascensão social dos não brancos e, consequentemente, a única via para se afirmar como pessoa íntegra. A educação funcionava como um instrumento que possibilitava a discriminação positiva entre os assimilados da cultura portuguesa – os civilizados - e os grupos sociais desqualificados e estigmatizados como indígenas dada à ausência de símbolos próprios da potência colonizadora (…) Mesmo quando o negro ou o mestiço conseguia algum capital cultural, deparava-se com outras dificuldades relacionadas com a discriminação racial – assumida ou escamoteada –que obstruíam a conversão da educação adquirida na melhoria da qualidade de vida. E Cabo Verde, mercê de factores históricos, económicos e sociais, que favoreceram a promoção e a ascensão social do cabo-verdiano pôde assim ver atenuada consideravelmente a discriminação étnica, racial e cultural a ponto de ser visto como uma extensão de Portugal (…) Além disso temos a incorporação de alguns critérios pelos cabo-verdianos para ascender à categoria de cidadão e foi através da assimilação que o negro e o mulato puderam escapar ao estigma de indígena e "deixaram" de ser "africanos" (Ramos, 2009, pp.25-28).

Segundo Pereira (1973),

> A mobilidade social está intimamente relacionada com o processo de desenvolvimento econômico. Mais amplamente, está relacionada com o processo de racionalização econômica e social, representado pelo surgimento do capitalismo e pela consequente crise dos sistemas sociais tradicionais. As sociedades tradicionais, quando ultrapassam o nível das comunidades primitivas (e até um certo ponto, mesmo nesse nível) organizam-se em sistemas de estratificação rígidos, em que poder e privilégio são prerrogativas familiares, que nascem com os indivíduos e se transmitem a seus filhos. Não há

> racionalidade no processo de distribuição das funções sociais. A Revolução Comercial e depois a Revolução Industrial, a emergência do capitalismo e a consequente prevalência de uma ideologia liberal tiveram, entre outros, um sentido eminentemente racionalizador do processo social. A burguesia emergente colocava em questão a rigidez da estratificação social, em defesa de seu próprio interesse de subir socialmente, e em nome de uma maior racionalidade e justiça do processo social. Com o capitalismo e, particularmente, com a revolução industrial capitalista, surgiu o conceito moderno de desenvolvimento económico, e a ele, imediatamente, se ligou um certo grau de mobilidade social que garantisse aos mais capazes - ou, mais precisamente, a uma parcela dos mais capazes - a motivação para o trabalho produtivo e a possibilidade de ocupar as posições mais importantes da sociedade. Essa mudança não foi radical. O capitalismo, simplesmente, reorganizou e tornou mais flexível o sistema de privilégios, deslocando seu eixo dos factores tradicionais para os factores económicos, deixando claro que desenvolvimento económico e um certo grau de mobilidade social estão indissoluvelmente ligados. O desenvolvimento económico é, ao mesmo tempo, causa e consequência da mobilidade social. À medida que aumenta a produtividade social, que a tecnologia se desenvolve, que a sociedade se moderniza e se racionaliza, a mobilidade social tende a aumentar (pp.19-20).

E cada dia que passa há mais pessoas à procura da mobilidade social, através da procura dos centros urbanos, para poderem tentar à sorte. No caso das nossas interlocutoras, tomando o exemplo da Maria, as circunstâncias e as conveniências sociais levaram-nas a entrar no mundo de atividades geradoras de rendimento.

Por isso, as nossas atenções vão ser concentradas na exploração dos dados sociais sobre as atividades geradoras de rendimentos realizadas por figuras femininas em Cabo verde. Essas questões compõem o segundo capítulo da dissertação, onde iremos discutir a inserção das mulheres na dita atividade informal, ou seja, o que os dados têm a dizer sobre essa realidade sociopolítica, em harmonia com os dados empíricos recolhidos junto das nossas interlocutoras no espaço público de Palmarejo.

2-SEGUNDO CAPÍTULO

2.1- Atividades geradoras de rendimentos em Cabo Verde

Neste subcapítulo, vamos discutir os dados sociais, quanto a realidade política e social das atividades ligadas à informalidade urbana em Cabo Verde, para demonstrar que é uma atividade que tem ganhado muitos adeptos no País, e que os mesmos são atores empreendedores, ou seja, usam ideias que vão acumulando a partir das suas trajetórias socioprofissionais e que, em muitos casos, sofrem com a problemática das desigualdades sociais no seio laboral e pelo facto de estarem a realizar atividades geradoras de rendimento nas ruas que acabam por ser consideradas pertencentes a um determinado grupo que não assume a que pertence.

Essa demonstração é feita com ajuda dos dados sociais explorados por alguns autores que trabalham a questão da informalidade em articulação com os dados do terreno, e apoiando na análise das trajetórias socioprofissionais das interlocutoras. Dados que demonstram que as interlocutoras não estão a praticar ou a inserir nestas atividades, mas querem praticá-las em alguns casos, por falta de emprego, gosto, vontade de trabalhar, vontade de ganhar dinheiro e ter a sua independência financeira.
Os dados empíricos também demonstram que as vendedeiras não são iguais e que não possuem a mesma bagagem no contexto das práticas ligadas à questão da informalidade que é espelhada através das suas trajetórias. As suas trajetórias socioprofissionais devem ser levadas em consideração no sentido de mostrar que não há um padrão para as caracterizar e que o que fazem envolve questões de cariz social própria dos centros urbanos.

Na sociedade cabo-verdiana, a economia informal carrega consigo muitas pessoas advindas do campo para a cidade.

> Esse processo de concentração urbana, acelerado a partir da independência do país, tem provocado um aumento considerável da população nas cidades, mas que não vem sendo acompanhado pelo ritmo de produção de emprego no setor formal da economia. Tantos homens como mulheres, sobretudo advindos das áreas rurais, têm deixado de lado as atividades, que

> eram tradicionalmente desenvolvidas, para a inserção no trabalho informal (Silva, 2015, p.165).

Pólvora (2013) explora no seu trabalho sobre informalidade na cidade da Praia, demostram que em termos da sua origem,

> Na Praia, as mulheres rabidantes[12] são, na sua maioria, oriundas do interior da ilha de Santiago onde trabalhavam em actividades rurais como criação de gado e agricultura de sequeiro e regadio, que são actividades de subsistência com seus respectivos agregados familiares. A mudança para a cidade dá-se quando são ainda jovens ou ao casarem-se e constituírem suas próprias famílias. Esta mudança ocorre por razões costumeiras que justificam a migração campo-cidade: em geral, enfrentam a falta de condições de trabalho no campo, o que está também associado a questões climáticas como períodos prolongados de seca (pp. 99-100).

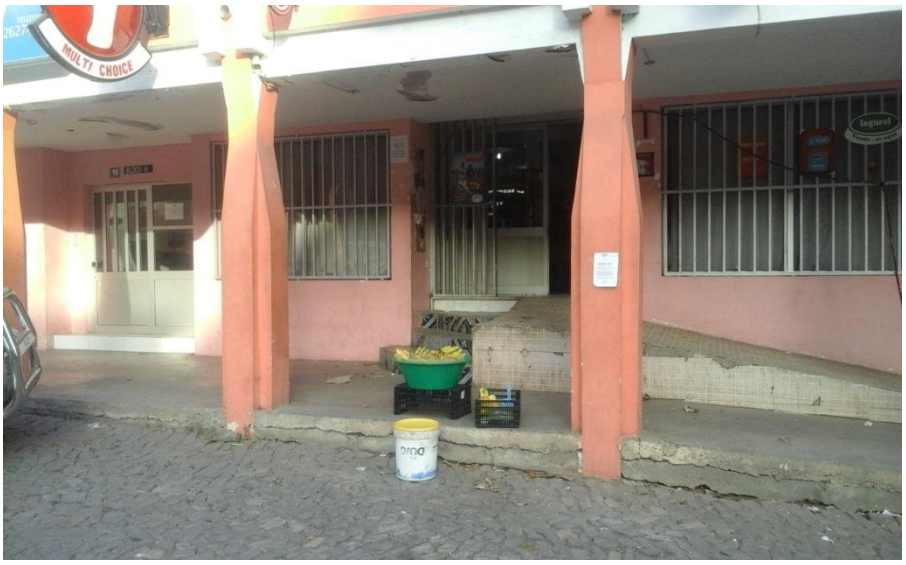

Figura 1 - Parte frontal do Minimercado Multi Choise (Palmarejo)

Fonte: Autor, novembro de 2017

[12] São mulheres caracterizadas em Cabo Verde que lutam, labutam para conseguir receitas com as actividades diárias que realizam no quotidiano.

A cidade acaba por ser o meio social que alberga um grande número de pessoas advindas do campo, que procuram desenvolver as suas actividades reprodutivas e procurar emprego. Por isso (Pólvora, 2013), considera

> O espaço urbano é uma das peças fundamentais na engrenagem que faz o capitalismo global atual funcionar. No entanto esse mesmo espaço aqui está sendo visto não como uma entidade separada ou autónoma, mas produzido a partir das relações sociais, e, no caso de Cabo Verde, essa produção está bastante influenciada pelas relações económicas e bastante determinada pelas mulheres que o ocupam e fazem dele o lugar para produzir o seu sustento e o de suas famílias. O espaço urbano está bastante ocupado não apenas pelas mulheres que vendem nas ruas, mas está também dividido por outra rede de solidariedade e de negócios movimentadas por essas mulheres. Entretanto, embora as relações económicas ditem o ritmo das relações sociais nas cidades e modifiquem o espaço com a pretensão de gerar capital, as pessoas que frequentam e usam os espaços têm experiências, percepções diversas, ademais de que atribuem significados diversos, que nem sempre vão ao encontro do que as políticas públicas estão propondo ao espaço (p. 98).

Este tipo de comércio ou relação de cariz socioeconómico nos bairros da capital são protagonizados maioritariamente por figuras femininas que muitos atores sociais denominam de "vendedeiras/rabidantes".

Neste sentido o

> Comércio informal por elas desenvolvido tem servido como um dos principais eixos de sustentação da economia cabo-verdiana, pois as "rabidantes" são responsáveis pela venda de inúmeros produtos que vão desde géneros alimentícios, como peixe, verduras e legumes, até roupas, calçado e bijuterias (…) Na mesma linha, acrescenta que as "rabidantes" têm um poder fundamental na sociedade cabo-verdiana, especialmente pela comercialização de produtos que acabam por sanar em grande parte as necessidades da população (Silva 2011, pp.129-138).

O sociólogo Furtado (2008) contextualiza e assinala que

> A informalidade tem adquirido uma importância particular em Cabo Verde, seja na geração de empregos ou em rendimentos, sobretudo a partir dos anos de 1990 devido ao processo de

> privatização de empresas públicas e a terceirização de sectores importantes do Estado (p.32).

Silva (2015) entende que,

> A trajetória das comerciantes (as rabidantes), foi possível perceber que, de fato, ocorre um processo de emancipação econômica. É, sobretudo, a partir da rabidância, que elas conseguem garantir o sustento da família e a educação dos filhos. As incertezas e desventuras vivenciadas no dia-a-dia profissionais não as deixam de comprometer o retorno do valor investido, mas, frente às possibilidades de rendimento, um número cada vez maior de mulheres tem-se voltado a essa prática. Em alguns casos, observamos rabidantes que conseguiram agregar um patrimônio bastante expressivo, embora a grande maioria continue na luta cotidiana pela sobrevivência (p. 165).

Segundo a leitura do INE (2017)

> Mais de metade da população que trabalha no sector informal10 (58,8%) é do sexo feminino contra 41,2% masculino. A distribuição das Unidades de Produção Informal (UPI), por sexo do representante, mostra-nos que 62,2% das UPI são geridas por mulheres e 37,8% por homens (…) A informalidade está ligada em grande medida às dificuldades de acesso ao mercado formal e por tanto, relacionado com o acesso à formação e à educação. Os dados indicam que 58,5% das mulheres que estão ocupadas na economia informal tem nível de instrução básico (…) As mulheres encontram-se fortemente representadas nos sectores do comércio e industria, enquanto que os homens estão mais representados nos sectores de serviços (…) Os homens empregadores no sector informal representam 52,7% do total dos empregadores, indicando um desequilíbrio a desfavor das mulheres. Por outro lado, 64,3% das mulheres trabalham por conta própria, representando uma situação de desequilíbrio a desfavor dos homens (pp.50-54).

Apresentados estes dados estatísticos sobre as mulheres no sector informal, aproveitamos para trazer os dados empíricos que trabalham em trajetória das interlocutoras no comércio informal no Bairro de Palmarejo. Ao discutir os dados sociais, devemos referir que a inserção da Maria no mundo laboral iniciou-se aos poucos a partir da sua mudança para a Cidade da Praia em 1985. Na altura, era adolescente e não sabia muito sobre o mundo laboral fora da casa dos pais ou da irmã

(excetuam os afazeres domésticos). A sua irmã ajudou-a a conseguir um trabalho em casa de terceiros. Porém, não sabia nada sobre a matéria e foi aprendendo aos poucos. Por ser esperta e humilde, na altura, era a sua arma secreta. O que ela não sabia dizia que não sabia, e os patrões ensinavam-lhe. Ela não se hesitava em mostrar que queria aprender algo sobre aquilo que estava a exercer no momento.

A experiência não foi duradoira. Por motivos pessoais interrompeu o seu percurso no mundo laboral, quando descobriu que estava grávida, fruto de uma relação com o seu namorado na altura. Então, regressou ao interior, sem referir como foi a reação dos patrões, da irmã e até dos pais ao saberem da notícia. Não obstante foi bem-recebida em casa que a viu nascer e crescer.

A conversa mudou de tom. Senti uma certa carga emotiva nesse momento. Dava para ver nos olhos dela. Ela tenta fugir da situação com um silêncio e um olhar atento. Pois quando saiu do convívio dos pais era uma pré-adolescente. O retorno dela foi com uma criança ao ventre, isso automaticamente mudou todo o cenário e a abordagem da sua situação pelos pais. A criança nasceu e era uma menina. Chama-a, carinhosamente, de Pat. Passado um ano e três meses de idade houve uma notícia menos boa para a família. O pai não podia participar, no acompanhamento, no crescimento e no desenvolvimento da filha. Ele faleceu quando a Pat tinha um ano e três meses de idade. Foi um duro golpe para a família.

Passado esse período difícil na companhia familiar, ela mudou de ares mais uma vez. Veio para a capital do país à procura de trabalho, deixando a sua filha a cargo dos avós. Estando na capital do País, reconstruiu a sua entrada no mundo laboral com a ajuda da irmã. A irmã tinha uma estrutura montada onde vendia frutas e legumes. Assim começava uma nova aventura no mundo laboral. A Maria começou a vender as frutas e as hortaliças da irmã. Com o tempo, a sua irmã deu-lhe uma certa quantia para criar o seu negócio. Dali começou a vender legumes, depois deixou de os vender e foi vender roupas e sandálias chinesas, deixou de vender isto, foi trabalhar na construção civil, deixou deste trabalho por causa da falta de pagamento do ordenado pelo contratante e foi vender *donetes*, e por último passou a vender frutas frescas.

A sua trajetória no mundo de atividades laborais, nos espaços urbanos da capital do País, foi cheia de mudanças e de várias peripécias da vida, ao longo desse tempo. Assim, ao descobrir fracasso numa determinada atividade, passa para a outra ou tenta inová-la, introduzindo algo novo ou vendendo outros géneros alimentícios ou entrando noutro sector laboral. Percebe-se que ao alternar os géneros que ela vendia, acumulava outras experiências em novas situações. O nascimento dos filhos e a falta de emprego fizeram com que ela mudasse constantemente de estratégias.

A venda de frutas que se dedicava, naquele momento, afirmou-nos que o fez por falta de outro emprego, e conforme nos explicou, seria a sua última atividade laboral a exercer, na capital do País. Porém, perspetiva dar um novo rumo à atividade que realiza, exercendo-a em inter-ilhas do Arquipélago, optando primeiro por desenvolvê-la em ilha do Sal. Cabe sublinhar que são apenas ideias. Pois, a questão familiar pode influenciar na decisão final, mas tudo poderá acontecer tendo em conta o desentendimento havido, na capital do País, com os fiscais afetos à Autarquia Local. A trajetória laboral da Joana no mundo das atividades ligadas à informalidade começou com 23 anos de idade, com três filhos. Antes desse período, disse que não trabalhava, e foi o seu companheiro, pedreiro de nome Manuel, considerado o seu "Marido" que arcava com as despesas da casa. Aqui dá para perceber que o companheiro foi fulcral na sua entrada de atividades ligadas ao comércio informal. O Manuel opiou-a na criação de auto-emprego e geração de rendimentos. No momento, o Manuel não estava a trabalhar por questões sócio-laborais, ou seja, havia falta de emprego na área da construção civil, então ela garante o sustento da família momentaneamente.

Frisa que o que a motivou a entrar no mundo do comércio informal é o que se chama de "*ganha pão*[13]". Ela frisou que queria ter o próprio dinheiro e fez o que chamou de "*spediente*[14]". Em outras palavras, foi falar com o companheiro e deu-lhe uma certa quantia (não disse o montante) para começar o próprio negócio. Nesta parte, a ideia central é obtenção do autoemprego, que pode ser traduzido na autonomia e na

[13] No vocabulário local é sinonimo de procurar vida ou procurar sustento para si e para a família.
[14] Acções adversas no quotidiano cabo-verdiano para conseguir alcançar ou tentar alcançar o que o indivíduo pretende.

interdependência dela em relação ao marido. Ela não queria continuar a ficar de braços cruzados, ao ver o companheiro a trabalhar sozinho. Ela queria ajudar com as contas da casa e participar financeiramente na educação e criação dos filhos, a partir de acesso ao espaço público.

O dinheiro que o marido Manuel lhe deu, usou para comprar algumas roupas adquiridas nas lojas chinesas. Passado algum período, não conseguia vender as roupas, depois começou a reinventar. Passou a vender frutas como as mangas de acordo com a época do ano. Com o passar do tempo, começou a vender bananas, papaias, salsa, coentro, hortelã, hortaliças e pensa em continuar a vender os mesmos produtos. Pois, considera que tem mais saída por via de vender roupas adquiridas nas lojas chinesas e que não pensa em deixar de vender o que vende. A mudança faz parte do processo de envolvimento da Joana e das outras interlocutoras com atividades geradoras de rendimento. A mudança é obrigatória e necessária para o bem individual e da continuidade da atividade, em apreço.

Na sua trajetória, no mundo das atividades ligadas ao sector informal, não teve grandes mudanças em termos de géneros que vendeu. A venda ajudou a construir uma casa que tem no bairro de Bela Vista e é ela mesma que gere o negócio e reabastece pelos meios próprios a sua pequena e humilde banca. À semelhança da Maria almejava ser médica. Porém, não foi possível por questões logísticas da família de origem.

A trajetória laboral da Luísa, no mundo das atividades ligadas à informalidade, começou na adolescência, com 16 anos de idade, nas ruas do Bairro de Palmarejo e Cidadela, porém, recusou apresentar os motivos que impulsionaram a sua inserção nas atividades geradoras de rendimento. Na altura, tinha um filho e vendia água potável, maçã e laranja oriundas da ilha do Fogo, em cima da cabeça. Com o passar do tempo, foi morar no Bairro de Ponta d´Água da Cidade da Praia com o namorado e continuou a vender os géneros há pé pelos outros bairros da capital, próximos da sua nova residência, como: o bairro de São Felipe, São Pedro, Safende e Vila Nova. Desentendeu-se com o namorado e veio residir aos 19 anos novamente em casa dos pais. Teve o segundo filho e

continuou a vender frutas, legumes, hortaliças, nos arredores do minimercado “Beto” juntamente com outras colegas.

A sua trajetória, com o envolvimento de atividades ligadas ao sector informal, começou muito cedo, após dar a luz ao seu primeiro filho. A sua venda sofreu algumas mudanças por questões pessoais em termos de alocações dos locais de venda. Também antes vendia deambulando pelos bairros da capital, o que não faz mais. Agora, vende sentada num ponto, pela manhã. Apenas quando regressa do Plateau que usa as pernas para caminhar até chegar ao ponto de venda. É recorrente a análise dela sobre a atividade que realiza, almejando encontrar outro trabalho melhor e não pretende doravante continuar nesta atividade.

Na globalidade, as interlocutoras não exibem uma banca bem volumosa em termos dos espaços que ocupam. A diversidade é presente, o tom é chamativo e a organização dos géneros é um detalhe à parte. Usam uma banheira não muito grande, no máximo duas de tom diferente, com o nome delas cravado à mão e o uso da faca e uma grade de tom escura para expor e ostentar a representatividade das frutas, hortaliças, etc. Pode até, não parecer uma atividade rentável, mas tem lá os seus ganhos, que elas todas não revelaram. Os argumentos que muitas vendedeiras usaram como o motivo da inserção nas atividades da informalidade urbana foram a falta do emprego, reclamações da parte dos patrões e das condições de trabalho (no caso das que trabalharam como empregadas domésticas) e o não pagamento do ordenado por terceiros mediante serviços prestados na área da construção civil. Também não é possível ter uma banca bem grande nesses pontos que usam para trabalhar por seguintes motivos: Não estão a pagar pelo espaço que elas usam (algumas me disseram isso) não se sentem seguras nesses espaços, para além de abordagem constante pouco tolerável dos fiscais da autarquia local.

Voltando ao caso da Maria, cabe frisar que a venda da Maria foi marcada por longas jornadas pelos vários bairros da capital e contra as adversidades climáticas pontuais. Esta prática levou com que começasse a ter muitas dores nas costas. Imagina a quantidade de géneros que carregava na cabeça todos os dias? Nem imagina!

Para tudo há um começo. A base dela foi a irmã. A irmã sempre a apoiou em tudo e tentou-lhe dar do bem e do melhor. Ela é extremamente importante na vida dela. A sua presença é sentida nos momentos marcantes da vida da Maria. A irmã inseriu-a no mundo da venda de géneros como forma de ganhar experiência e maturidade no mundo do negócio. Podemos considerar que a sua irmã lhe auxiliou no momento em que ela mais precisava. Pois, estava precisando de emprego no momento. A ajuda veio em boa hora e rendeu muitos frutos. Com o passar do tempo, criou o seu próprio negócio, graças ao dinheiro oferecido pela irmã, e a partir do primeiro negócio, começou a aventurar na venda de outros géneros. A venda dos géneros foi alternando com o tempo de acordo com as circunstâncias. Ela foi acumulando experiências e vivências. A trajetória da Maria, no mundo das atividades laborais nos espaços urbanos do Palmarejo, rendeu muitos frutos. Um deles foi a construção de duas habitações, a outra é a criação e a educação dos filhos, através da prática do comércio informal.

A Maria já viveu dias melhores na sua vida ligada ao comércio informal. Cada dia, considera que ganha umas moedinhas. A venda atual não é como a de antigamente. Outrora se comprava dois mil, ganhava-se quase dois mil. Agora não! Hoje o ganho é pouco, entretendo dá para desenrascar.

Na narrativa da Maria é visível a comparação da venda de outrora com a de hoje. Antes a venda rendia muitos frutos e dava para fazer um bom investimento, ou seja, o ganho era maior. Na altura, vendia de porta em porta, de casa em casa, de sol a sol. Agora a venda ficou mais difícil, porque o ganho é menor e a venda é lenta. Pois, ela partilha o espaço onde vende com mais três colegas. Essas colegas vendem os mesmos géneros que ela, acompanhados de outros que ela não vende. E cada vez dá para perceber que há mais pessoas a exercer o comércio informal criando assim espaços de solidariedade, e de interajuda, etc.

De grosso modo, os espaços sociais urbanos utilizados pelas vendedeiras para realizarem as suas atividades diárias são carregados de relações de manifestação, de afetos, companheirismo, camaradagem, interajuda, solidariedade, amizade e de prática de ações concretas, fruto dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida.

> As audiências tendem a aceitar, o "eu", projectado pelo actor individual durante qualquer desempenho habitual, como um representante responsável do seu grupo de colegas, da sua equipa e da sua organização social. Os espectadores aceitam igualmente o desempenho particular do individuo como prova da sua capacidade de desempenhar a prática de rotina a ele relacionada até mesmo como prova da sua capacidade de desempenhar qualquer prática de rotina (Goffman, 1993, p.284).

A partir dessa leitura sobre a análise das interações sociais, aproveitamos para abordar a relação da Ana e da Soraia, como a da Isabel e da Nha Ida. Para exemplificar a questão de espaços de relação de companheirismo, camaradagem, interajuda, solidariedade e amizade nos espaços sociais urbanos utilizados pelas vendedeiras, trago um caso que tenho acompanhado há algum tempo com muita atenção:

> Por volta das 15 horas da tarde do sábado estive presente numa varanda aberta de um prédio residencial para acompanhar o desenrolar das actividades diárias da Ana e da Soraia, duas vendedeiras e tentar travar uma conversa com as mesmas. O local é muito movimentado tanto por pessoas como viaturas… elas estavam sentadas, uma ao lado da outra a descascar feijões-verdes. Uma estava sentada em cima de um balde com um saco de plástico no regaço e encostada a um dos pilares da varanda do prédio (O lugar favorito dela). No interior do saco plástico estavam os feijões-verdes descascados. Á sua frente estava uma banheira verde com bananas maduras no seu interior. No lado direito dela estava uma outra banheira de plástico com bananas maduras e hortelã frescas no seu interior. Passado 15 minutos de observação da actividade que estavam a realizar aproximei e perguntei se posso ajudar no que estavam a fazer. Elas me disseram que sim. Então sentei junto delas e comecei a descascar os feijões-verdes. A outra vendedeira estava com a cara fixada no saco de plástico a descascar os feijões-verdes… Quando terminamos de descascar os feijões-verdes me ofereceram um pouco. Disseram para tomar, porque as ajudei a descascá-los... (Diário de Campo 7/01/2017).

O caso da Ana e da Soraia explícito em cima, espelha um pouco o espirito de camaradagem e companheirismo das vendedeiras no dia-a-dia no desenrolar das suas atividades no contexto da informalidade em Palmarejo.

Figura 2- Arredores do prédio residencial (ponto de venda da Joana, Soraia e Ana)

Fonte: Autor, outubro de 2017

O espírito de companheirismo entre a Ana e a Soraia é muito forte e pode ser demonstrada no ato de descascar os feijões-verdes, por exemplo, os feijões eram da Ana e a Soraia estava a ajudar a descascá-los.

Durante a minha visita ao campo empírico, senti esse espirito de camaradagem e de partilha, que muitas vezes é feita através de breves diálogos versando sobre o que aconteceu no dia anterior, ou como esta venda tem corrido durante o dia. O diálogo entre ambas, parece ser comum, mas inclui muitos temas como a relação familiar e até abordam as suas vidas privadas. Noutros momentos, abordam as fofocas sobre a vida de terceiros, sempre tentando omitir os nomes dos mesmos. Comunicam-se e trocam sorrisos uma com a outra para dosar o ambiente em que se encontram inseridas a realizar as suas referidas atividades. A cumplicidade pode ser percebida no momento quando uma ausenta do local da venda. Se uma não estiver presente, a outra vigia o negócio, no sentido de vender os produtos da colega a terceiros, caso for necessário. Também se uma acabar de vender todos os géneros, esta espera a outra colega para terminar de vender e regressarem à casa juntas. A relação entre elas é leal e cordial, ou seja, parece não existir um clima de desconfiança entre ambas. Tudo indica que elas construíram uma relação com base na convivência diária nos arredores do prédio urbano

de Palmarejo, que até parece irmãs ou têm qualquer laço de parentesco. Porém, há uma coincidência entre elas. São naturais da localidade de São Martinho Pequeno, uma zona considerada da Praia rural.

A relação de amizade entre a Ana e a Soraia repete-se em outros pontos onde é visível deparar com vendedeiras, realizando as suas atividades, mas não da mesma forma e intensidade que delas. Raramente, vi uma a falar com a outra num tom muito alto. O tom de voz usado por ambas para se comunicarem é suave, baixa e directa. A comunicação entre elas às vezes é por meio de palavras para aconselhar ou sugerir o que uma deve fazer, ou deveria fazer. A relação entre elas é sólida, que parece que não há espaço para qualquer desentendimento (Não quer dizer que não houve, pelo menos na minha presença).

No dia-a-dia, no exercício das atividades geradoras de rendimento, é possível identificar situações de ajuda mútua entre as vendedeiras. Por volta das 10 horas e 30 minutos estive presente nas imediações do minimercado "Beto". No espaço estavam em ordem, nomeadamente A Nha Ida, a Isabel, a Helga e a Funuka. Depois de alguns minutos de observação, houve a seguinte conversa:

> A Nha Ida olhou para mim e disse: *Vou o guardar (estava referindo sobre o seu negócio) bem aqui, pois vou "rodar" (acto de girar pelos arredores para tentar vender os géneros na casa das pessoas) um pouco*. Daí, começou a escolher os géneros que iria deixar ao cargo da colega, Isabel. Ela disse assim: *Isabel, estou indo rodar e vou deixar alguns géneros consigo*. Isabel aproximou dela e agachou. A Nha Ida estava sentada a retirar os géneros que estavam em maior número e a colocar em cima de um saco de plástico grande. Pegou nas batatas, milho para cachupa (prato típico da culinária cabo-verdiana) na abobora nos feijões e na cenoura. A Isa agachada a pergunta: *quando custam os feijões?* Ela com a cara na banheira responde: *160 escudos*. Isabel: *Milho?* Ela: *140 escudos*. Isabel: *Cenoura?* Ela: *100 escudos*. A Isabel apanhou um litro de milho e disse: *É melhor levar isto contigo. Apenas um já é suficiente* (Diário de Campo- 14 de outubro de 2017).

O trecho ilustra claramente uma relação de confiança, camaradagem e ajuda mútua entre as vendedeiras que realizam atividades geradoras de rendimento no espaço público

de Palmarejo. Na ausência dela sabe que a colega é séria e que iria fazer um bom trabalho. A sensação é mútua. Em vários momentos do dia, elas ajudam umas às outras na venda, principalmente na ausência de uma delas. Pois, neste ponto é regra de uma dar um giro ou dar umas voltas para tentar vender algum género, porque centradas ali a venda fica mais complicada, pois algumas vendem os mesmos géneros. A ronda é como um alívio, uma rotina e um momento para esticarem as pernas.

A colega Isabel estava pronta para servir a Nha Ida. A colaboração dela é importante para o desenvolver a atividade comercial. Ao mesmo tempo tenta aconselhar a colega o que ela deveria levar consigo na ronda.

Nos pontos de venda as interações são fulcrais para a criação de uma relação e um convívio saudável entre as vendedeiras. Além de ser um espaço profissional é também um espaço de lazer, descontração, convívio, de conhecimento e experiências, troca de ideias, desabafo, construção de amizades e partilha da história de vida social e privada delas.

De facto, as vendedeiras abordam temas como vida privada, vida alheia, uma ocorrência no local de venda, assunto de momento (crimes, assaltos), nos diálogos travados em diversos pontos de venda, entre outros. Os casos de situações pessoais e íntimas não fogem à regra. Muitas vezes, a ênfase e o entusiasmo é tanto que até carregam consigo uma certa carga de dramaticidade sobre o evento vivido. O conto é bem detalhado e retratado sem receio de nada, como se fosse algo banal. Elas não tentam esconder nada do que se passa com elas.

Em alguns momentos, elas interferem no discurso. A pessoa que conta algo sente-se que as colegas se interessam pelo relato da conversa. Aqui se dá muita atenção aos ouvidos das colegas para sacarem os risos. Além dessas situações, é comum estarem as pessoas a vender outros géneros para uma rápida refeição ou um petisco. Estas pessoas andam de ponto em ponto para tentar vender o que levam consigo, por exemplo, pastéis, cuscuz, donets, iogurtes caseiros, bolos e sumos, o que surge com frequência nos pontos em estudo. Há uma espécie de "rede" de relações que se iniciam através de uma mera troca de olhar, usando palavras até certo ponto. A suposta rede funciona como um círculo e

ganha cada vez mais significado e importância. Essas pessoas que circulam, também carregam sempre consigo géneros diversos que facilitam a sua entrada na "rede". Eles acabam por sanar um pouco as necessidades das vendedeiras. Como elas passam muito tempo, nesses pontos, acabam por sentir fome. Logo, estas pessoas que circulam por ali suprimem a necessidade de alimentação. O que facilita estas relações são as situações em que vivem e o espaço que vêm se ocupando. Espaço este de livre acesso e locomoção de todos, a fim de contribuir na criação e manutenção das relações de sociabilidade. Pois há regras no tocante ao seu uso quotidiano. Estamos a falar da contribuição monetária (elas não participam), segundo as diretrizes da autarquia.

O ato de praticar as atividades geradoras de rendimento, nesses espaços, é considerado pela Autarquia Local, por meio dos fiscais da Câmara Municipal, de violação da postura municipal.

Por isso, a presença dos fiscais afetos à Câmara Municipal da Praia é constante, hoje em dia, nos espaços públicos de Palmarejo, presença essa que condiciona muito a prática das suas atividades. As ações da parte deles são justificadas pelo documento denominado "código de postura municipal". Eles alegam que as vendedeiras violam-no quotidianamente. Penso ser uma das razões que a Autarquia Local fez investimentos consideráveis na área de recursos humanos com o objetivo de estarem mais presentes nas ruas da Cidade da Praia. Meios esses, humanos e materiais (viaturas). Porém, no exercício das suas tarefas diárias, em alguns casos, elas provocam desentendimento na via pública entre os fiscais e as vendedeiras, entre elas e os clientes e entre si mesmas. Em relação ao desentendimento com os fiscais da Autarquia Local, são registrados em momentos cujos ânimos se exaltam por qualquer outro ator social e posto no "facebook" para que todos tenham conhecimento e comentem sobre tal facto. Nestes momentos, é constatada a presença de resmungos e xingamento de ambas as partes.

Quando falamos da presença de fiscais e vendedeiras estamos a referir-nos sobre a existência de relações de género no espaço urbano de Palmarejo e que há momentos de encontros de informalidade e formalidade. Essa relação é inevitável porque esse processo ocorre com frequência, neste espaço, e ali você percebe a relação das

vendedeiras quando deparam com a formalidade. O confronto entre estes dois pólos é caricato e se manifesta por meio de várias ações, coações questionáveis por parte dos atores sociais em resposta aos estímulos expressados por estes intervenientes: as vendedeiras e os guardas municipais. A partir do percurso da Maria, percebe-se que a entrada na venda não é um projeto pessoal nem uma mera escolha por parte dela. Há diversos fatores que as empurram para esse caminho como: a não exigência da qualificação académica (o nível de escolaridade mais alto que encontramos no seio das figuras femininas foi o 8º ano do ensino básico/fundamental), o percurso socioeconómico, ser mãe na adolescência, um meio para sustentar a sua vida. Exige sim, uma noção do ramo e motivações pessoais, etc.

É essencial frisar a necessidade de as nossas interlocutoras estarem em grupo. Condição social espelhada através da criação de laços de médio a longo prazo para a sobrevivência e manutenção socioprofissional das interlocutoras nesse mundo cheio de incertezas. Entende-se que quando uma pessoa insere neste tipo de atividade irá ficar "refém" das redes sociais, das interações quotidianas com terceiros, da ajuda alheia e dos espaços de sociabilidade e socialização de conhecimentos no quotidiano delas. Os dados sociais, em geral, demonstram que estamos à presença de figuras femininas de muita fibra e atitude perante a vida socioprofissional e cultural que se construíram e se introduziram ali dentro. Esses dados abordaram um pouco sobre a condição feminina nas relações de gênero, a necessidade de serem empreendedoras, estando sempre à procura de empoderamento pelas próprias ações.

2.2- Empreendedorismo feminino no contexto de atividades geradoras de rendimento

Nesta parte, vamos discutir um pouco sobre o que tem sido a atividade geradora de rendimento de algumas figuras femininas, no contexto socioprofissional urbano, referindo-se às empresas ou às microempresas como "o negócio" (géneros alimentícios variados) que gerem diariamente e tomando o espaço público como o lugar onde tudo se constrói e desenrola toda a vida de uma empreendedora. Cada dia que elas passam, neste contexto social e económico, vivem, geram novas ideias e alternativas para vingar na vida.

De forma geral Vale e Serafim (2010) frisam que nos

> Últimos 50 anos o ocidente presenciou a ocorrência de uma revolução pacífica, alardeada pelos quatro cantos do mundo, às vezes sublimada, e que vem afetando profundamente o cotidiano das pessoas. Trata-se da ascensão sócio-econômica das mulheres. Elas vêm ocupando posições de destaque nas mais diferentes esferas da vida social, econômica, cultural e política, assumindo papeis antes reservados exclusivamente aos homens. Mas em uma área, em particular, a evolução vem se dando de maneira menos espetacular. Trata-se do mundo dos negócios (p.2).

Elas exploram o acesso das mulheres ao espaço público, que antigamente era um espaço reservado aos homens. Pois, hoje as mulheres estão ocupando esferas reprodutivas de destaque e de relevância social. As nossas interlocutoras fazem parte de grupos de mulheres que ganharam independência e o controle dos negócios.

Por isso, não é do nada que num estudo intitulado "gênero e empreendedorismo: um estudo comparativo no Paraná" de um grupo de pesquisadores com a editoração electrónica de Canonice (2000) salienta que nas,

> Últimas duas décadas e meia, com o aumento no número de empreendedores mulheres, um grande número de estudos investigou o assunto de gênero e sua relação com atividades empresariais … e ao mesmo tempo é importante investigar como podem ser associadas características individuais, estilos administrativos, valores pessoais, características organizacionais e razões para começar um negócio. A configuração desta diversidade de variáveis pode ser associada especialmente a perfis diferentes de empreendedores relacionados a gênero (p.145).

Greves e Salaff (2003) entendem que,

> Empresários necessitam de informações, capital, habilidades e trabalho para iniciar as atividades de negócios (…) As redes têm várias propriedades úteis para os empresários. O primeiro é o

> tamanho. Os empresários podem ampliar suas redes para obter informações cruciais e outros recursos dos outros conhecedores. O próximo é o posicionamento. O último é a estrutura do relacionamento. Os contactos sociais podem estar relacionados com o empresário ou outros através de vários tipos de relações ou interações. Em relações de encalhados únicos, cada pessoa realiza apenas uma atividade com o empresário e está relacionada a essa pessoa através de tipo de relação. (…) Criação de uma empresa requer uma certa mistura de relações e tempo para estabelecer e manter relações. Membros da família são delimitados em fortes redes delimitadas que têm diferentes tipos de recursos do que os membros nonfamily. Como tal, fortes laços fornecem uma fonte importante de discussão nas fases iniciais, mas podem perder suas vantagens e não pode ser parte do grupo de apoio social em as fases posteriores do processo de empreendedorismo (…) Relações sociais desempenham um papel importante no estabelecimento de uma empresa. Os empresários usam seu capital social para acessar recursos em cada fase do processo de criação. Enfatizando a inserção social das actividades económicas, e partindo do traço, cultura e perspectivas de personalidade [15]. (pp.4-30)

Burt (1992) ressalta a importância das informações para os empreendedores onde entende que as,

> Informações benéficas ocorrem em três formas: acsesso, sincronismo e referências. Acesso refere-se a receber uma informação valiosa e sabendo que pode usá-lo. Informações não espalham uniformemente em toda a arena competitiva. Isso não é que os jogadores são reservados, embora que também pode ser um problema. A questão é que os jogadores são desigualmente conectado que outros, são atentos para a pertinencia de informações para si e para os seus amigos, e são todos oprimidos pelo fluxo de informações. Há limites para o volume

[15] Entrepreneurs require information, capital, skills, and labor to start business activities. Networks have several useful properties for entrepreneurs. The first is size. Entrepreneurs can enlarge their networks to get crucial information and other resources from knowledgeable others. The next is positioning. Finally is relationship structure. Social contacts may be related to the entrepreneur or to each other through several types of relations or interactions. In single stranded relations, each person performs only one activity with the entrepreneur and is related to that person through only one type of relation. Setting up an enterprise requires a certain mix of relations and time to establish and maintain relations. Family members are bounded into strong delimited networks that have different sorts of resources than nonfamily members. As such, strong ties provide an important source of discussion. In early phases, but may lose their advantages and may not be part of the social support group in the later phases of the entrepreneurship process.

> de informações que você pode usar inteligentemnte (...) Tempo é o recurso significativo das informações recebidas pela rede. Além de ter certeza de que você será informado, contatos pessoais podem torná-lo unica pessoa que é informado mais cedo. É uma coisa para descobrir que o mercado de stock é pequeno hoje. Contatos pessoais permitem obter informações significativas para você antes que a pessoa receba-a. Esse alerta é uma oportunidade para agir sobre as informação de si mesmo ou para reinvestir na rede passando para um amigo que poderia se beneficiar[16] (pp.14-16).

Para Hampton *et al*. (2009) a

> Rede há muito tempo foi reconhecida como uma habilidade empresarial essencial e vital para a identificação de oportunidades e para acessar os recursos estratégicos necessários para desenvolver empreendimentos novos e existentes (…) Rede claramente desempenha um papel central para o empreendedor feminino no compartilhamento de informações, validação econfirmando a tomada de decisões, bem como sinalização para suporte adicional e recursos[17] (pp.3-15).

Aproveitamos para trazer o caso da interlocutora Joana. A senhora Joana é uma das interlocutoras que podem ser consideradas um exemplo nítido, onde através do uso da rede e da incorporação das informações da mesma, iniciou o processo da emancipação e adaptação de uma vida vendedeiras nas ruas do bairro de Palmarejo. Este último deve-se

[16] Information benefits occur in three forms: acsess, timing, and referrals. Acess refers to receiving a valuable piece of information and knowing who can use it. Information does not spread evenly across the competitive arena. It isn´t that players are secretive, although that too can be na issue. The issue is that players are unevenly connected wich another, are attentive to the information pertient to themselves and their friends, and are all overwhelmed by the flow of information. There are limits to the volume of information you can use inteligently (…) Timing is the significant feature of the information received by network. Beyond making sure that you are informed, personal contacts can make you one of the people who is informed early. It is one thing to find out that the atock market is crasnhing today. Personal contacts get significant information to you before the average person receives it. That early warning is an opportunity to act on the inofrmation yourself or to invest back into the network by passing it on to a friend who could benefit from it.

[17] Networking has long been recognised as an essential entrepreneurial skill vital for identifying opportunities and for accessing the strategic resources necessary to develop new and existing ventures. Networking clearly plays a central role for the female entrepreneur in sharing information, validating and confirming decision-making, as well as signposting to additional support and resources.

muito à versatilidade e à sua capacidade de adaptação. O ser vendedeira nas ruas do bairro de Palmarejo foi um processo gradual e no exercício da sua atividade foi ganhando conhecimentos, através da incorporação e reprodução de práticas empreendedoras.

A Joana é natural da localidade de Picos de Acima na Cidade de São Salvador do Mundo (Um município do interior da ilha de Santiago). É filha de Abel e Tânia. É a primeira filha do seu pai e da sua mãe. Cresceu com a mãe, a avó e outros familiares e sem a presença física do pai. Em casa onde cresceu, eles eram num total de sete familiares. Um deles era o seu único irmão, afirmando que a sua infância foi difícil. Ela cresceu num contexto rural sem a presença física do pai e era a mãe que tinha que encontrar formas para sustentar a família, fazendo alguns bicos no campo de cultivo familiar. O dinheiro que recebia desses trabalhos mal dava para sanar todas as necessidades da família. Possui o quarto ano de escolaridade no ensino básico. É mãe de cinco filhos (a maior vive com o companheiro), residem no Bairro de Bela Vista na Cidade da Praia, onde construiu uma casa, com o companheiro, Manuel.

Ela, afirma que,

> Está no mundo da venda á 13 anos. Inicialmente vendia roupas adquiridas nas lojas chinesas. Depois passou a vender frutas como, mangas. Agora dedica a venda de bananas maduras, papaias, salsa, coentro e hortelã frescas. Pensa em continuar a vender os mesmos productos, pois, considera que tem mais saída. Ou seja, estes productos vendem mais do que roupas… Por volta do meio-dia. Apareceu um rapaz e perguntou se queriam o almoço a cada uma delas. A vendedeira em causa estava na dúvida. Pois, o rapaz tinha o frango para o almoço. Ela não o queria. Ficou a comentar sobre a comida e a demostrar que a ideia de comer a carne de frango não é nada boa. Daí o rapaz disse que há atum também. Mas, o preço era 200 escudos (2 euros). Então disse que iria escolher a carne de frango… Quando o rapaz foi embora a vendedeira comentou comigo que invés de comprar o almoço (que era atum), iria comprá-lo para comer com a sua família em casa (Diário de campo/Conversa informal- 12/01/2017).

Em fala da Joana, fica claro que tem um repertório bem construído ao longo do seu percurso na realização da atividade que a chama de “Venda”. Atividade à qual já

acumula uma experiência de treze anos. A sua trajetória profissional no mundo das atividades geradoras de rendimento prova que no início vendia apenas roupas chinesas. Mas, com o passar do tempo dedicou-se à venda de géneros alimentícios. A opção tomada mostra que nem sempre as vendedeiras vendem os mesmos produtos ao longo da vida. Pois, há alternâncias de produtos/géneros durante a realização das suas atividades geradoras de rendimento. Ela considera que a alternância deu certo, pois percebeu que o género alimentício que está a vender atualmente tem mais saída do que o anterior.

Uma outra questão é o almoço. Como está a realizar a sua atividade geradora de rendimento é muito difícil ir para a casa almoçar e ela optou por almoçar ali mesmo. No diálogo com um rapaz, ela escolheu almoçar o prato de frango, mesmo não estando satisfeita à oferta que o rapaz tinha no momento. Ela de facto queria o atum no momento, mas este era mais cara, então optou por recusar a oferta. O momento foi muito reflexivo para ela em relação à oferta que o rapaz tinha no momento, a questão do preço talvez. Depois se conclui que se é para almoçar o atum é melhor comprar para partilhar em casa com os familiares. Aqui a questão familiar pesou na sua decisão.

Numa outra conversa realizada, por volta das 16 horas da tarde com a Joana:

> Olhei para ela e disse: Muitas vezes as pessoas passam por aqui e chamas a atenção deles, mas te ignoram. Como é essa sensação? Maria olhou para mim e colocou a mão na boca: *Alguns respondam, outros não. Dizes as pessoas para negociarem consigo e vão negociar com outra pessoa que tem os géneros do seu gosto, Não é? Dizes compra! Parece que está distraído. Alguns ouvem e não respondem. Mas, tens que ter a paciência.* Olhei para ela e perguntei*:* O que significa? O que significa aqueles comportamentos? Ela olhou para mim, sorriu e disse*: já viste o que significa! Acho, que quando digo freguesa negocia (gesticulando), se não o quiserem, deveriam dizer agora não, não quero. Assim! Não respondendo nada. Aquilo não preciso te dizer, já entendeste tudo (ela sorriu).* Sorri e disse*:. É complicado! Geralmente, sempre queres um feedback. Para te responder ou olhar para si, ou algo do tipo.* Ela olhou para mim e disse. *Mesmo que não compram, mas, pelo menos respondam. Não quero agora! Depois, obrigado! Assim. Não respondendo não é nada bom (sorriu). É paciência, se não o*

> *tiveres, não vais vender.* Eu olhei para ela e comentei gesticulando*:*. *Também* a senhora está aqui desde manhã. Que horas a senhora acorda? Ela olhou para mim e disse: *5 horas da madrugada!* Eu olhei para ela e disse*:* Ir ao Plateau! Ela olhou para mim e disse: *Se não tiveres paciência não vendes.* Olhei para ela e disse*:* Ficas aqui bastante tempo. O tempo fica passando (estava puxando assunto). É cada um com a sua sorte. Se não comprarem em ti, compram numa outra pessoa. Ela disse*: Sim! Compram na pessoa que quiserem. A venda é paciência*! (Conversa informal- 27 de Outubro de 2017)

No começo da nossa conversa, ela tenta não responder à questão, alegando que já sabia a resposta, com um sorriso. De facto, parece não haver respostas para estas situações do quotidiano. Muitas vezes elas são ignoradas ou não são notadas pelos clientes no dia-a-dia. Porém, isso não tira as estratégias que usam para mostrar que estão ali. Estas estratégias são o chamamento constante por parte delas. Elas são muito insistentes. Dessas situações que surge a ideia central aqui. A paciência. Para ela a paciência é o segredo da venda. Tudo gira em torno da paciência, de acordo com a sua perspetiva. Por isso, ela fica sentada durante horas e mais horas à espera dos clientes. São eles que escolhem livremente a pessoa com a qual querem iniciar uma transação económica. Ela sabe disso e não critica ou fala mal deles, pela escolha que fazem. Porém, ela não queria que fosse assim.

Portanto, Nos outros pontos da venda, a lógica de negócio parece funcionar na mesma moeda. Na base da paciência para que a atividade prossiga o seu curso normal. O muito esperar às vezes é recompensado, outras não. A Joana sabe disso. É um dos conhecimentos que adquiriu ao longo da sua carreira profissional. Uma outra questão muito importante que surge nessa discussão em torno da paciência é a relação delas com os clientes. É fulcral incluirmos os clientes nesse debate. A relação entre ambos espelha um pouco o panorama de incertezas. Por exemplo, o caso do "levar emprestado", ou seja, "fia". Todas as figuras que atuam neste campo consideram que fiar é comum nas suas relações. Pois, faz parte do negócio do dia-a-dia. Muitas vezes elas sentem-se obrigadas a fiar os géneros a outrem, para não poderem levá-los consigo para casa ao final do dia. Também para poderem criar um vínculo com o cliente. Porém, não fiam a qualquer um. Fiam, apenas aos clientes que consideram fregueses. Inclusive em alguns

momentos da venda, ela ofereceu-me bananas maduras/papaias para comer ou para trazer comigo e pagar-lhe noutro dia.

O cliente sempre diz que no dia tal irá pagar pelo género. Se isso acontecer essa situação irá repetir-se quotidianamente. Logo, as vendedeiras sentem-se desprovidas de desconfiança em relação ao determinado cliente. Então, a relação criada é de confiança mútua e de lealdade. Por isso, muitas vezes, há iniciativa de fiar por parte da vendedeira, através de ações por insistência ao cliente. O cliente aceita o gesto da vendedeira. Cria-se um ciclo em que primeiro, o cliente leva o género, depois paga e volta a levar de novo. Se por acaso um dia não tiver os géneros, por vezes o (a) cliente pode não te pagar pelo mesmo, caso esteja a te dever. Então muitas vezes, quando as vendedeiras não encontrarem os géneros para vender (neste caso as peixeiras, pois dependem muito do pescador e das condições marítimas), ficam nos mesmos pontos de venda à espera de algum cliente que esteja a dever-lhe algo, para lhe pagar. Porém, nem sempre a relação termina como deveria. O cliente não aparece e uma ou outra fica a evitar as vendedeiras (segundo alguns relatos) de conflitos.

Outra estratégia de venda muito recorrente a elas no dia-a-dia é a venda de uma diversidade de frutas e legumes, até inclui, nesta lista, folhas de chá variados. A diversidade de géneros, no caso da Luísa, de Nha Ida, da Maria, da Joana, da Lita, da Rosita e da Otília é bem patente nas suas banheiras de plástico de tons variados. Cremos tratar de uma de entre muitas estratégias de venda, cuja ideia é muito bem pensada, porque se uma pessoa comprar cebolas, pode levar o tomate ou a cenoura. A lógica é uma sequência sem fim. Tudo é uma possibilidade. Também podem não optar por levar mais do que um género. A ideia é calculista e racional e pode ser uma boa ideia de negócio no dia-a-dia dela.

Todos os casos citados seguem na mesma linha estratégica. Algumas carregam consigo mais do que uma banheira e grade. Outras têm duas banheiras e mais do que uma grade para colocar a diversidade de géneros. Outro utensílio ou aliado de venda essencial são as baldes. Eles servem para armazenar ou guardar um pouco de tudo que carregam consigo, incluindo o seu uso como cadeira. Eles são indispensáveis. Servem para

guardar e armazenar a água, comida, restos da venda, roupas, sapatos, sacos de plástico e balanças. Aliado a eles, temos as facas que servem para dividir as bananas por quantia certa e por galhos. Um detalhe importante é que cada um dos utensílios da venda encontra-se registrado com o nome da proprietária, evitando, assim, alguns desentendimentos. Nas observações, notei que durante a venda elas são muito racionais e calculistas tanto na compra como na revenda dos produtos. Já têm uma ideia de quantidade de produtos que devem comprar diariamente.

A quantidade de produtos que compram tentam vender tudo, para que no dia seguinte voltem a comprar de novo no mercado do Plateau. Elas têm a ideia da quantidade necessária para revender diariamente, mas a venda diária oscila normalmente, isto é, às vezes, a venda pode correr bem, outras vezes, não. No quotidiano urbano de Palmejo, a questão da sociabilidade e os conhecimentos são construídos socialmente com o passar do tempo e essa mesma construção é posta em prática em qualquer situação típica e trivial do quotidiano. Também ali acontecem situações e cenas inusitadas, por exemplo, os arredores desses espaços funcionam como banheiro e locais de experimento de roupas novas. Elas correm altos riscos com a infeção e podem apanhar infecções ao usar estes locais para realizarem as suas necessidades fisiológicas, contudo, elas não têm muitas opções.

A experiência e as vivências muitas vezes são as que triunfam, porque não basta só querer algo. Tudo é posto numa balança dialética de custo/benefício em que a família é pensada como sendo extremamente importante nas decisões do dia-a-dia, às vezes. Entrando um pouco no campo do financiamento do empreendimento feminino, Santos (2017) estudou as associações e cooperativas em Cabo Verde denominado e afirma que

> 80,8% das Unidades de Produção Informal são liderados por mulheres e 90,3% são autofinanciadas através de poupança, donativos e herança. Praticamente não fazem recurso ao empréstimo bancário. Além da sua pequena dimensão económica, as UPI se caracterizam pela ausência de proteção social e não contribuição para o fisco. Elas estão, maioritariamente, implantadas no sector do comércio (72,5%) (p. 118).

Reforçando esta ideia trazemos a contribuição de Silva (2015) aonde frisou que

> "Muitas rabidantes autofinanciam-se. Esse tipo de financiamento endógeno é composto pela poupança do próprio empresário, dos seus familiares e amigos, e constitui um tipo de investimento de solidariedade social ou comunitário" (p. 161).

Geralmente, são elas que se arranjam para autofinanciar no domínio das atividades que realizam diariamente. Todavia, há casos, por exemplo, das que vivem com os seus companheiros, que até apelidam de " maridos" que as ajudam na aquisição dos géneros adversos, incluindo familiares, nomeadamente os pais. Algumas recorrem ao microcrédito disponibilizado, por exemplo, pela ONG Morabi para tal efeito, porquanto é um caso muito residual. O empreendedorismo feminino pode ser observado em casos, em que elas se locomovem entre os espaços. Algumas delas aproveitam algumas oportunidades que encontram no decorrer das suas atividades. Elas procuram pontos de venda mais atrativos, onde há menos concorrências. É o caso da Luísa e dedica agora à venda de bananas maduras nos arredores de um minimercado chinês, junto da sua residência no Palmarejo.

Por isso, o espírito de empreendimento acaba por ficar ofuscado muitas vezes pela fraca ajuda ou apoio de outrem. Logo, as estratégias e as táticas acabam por mudar com o tempo. As circunstâncias e a inteligência delas fruto das experiências anteriores se tornam a chave para driblar as adversidades da vida. Nessa seção, foi debatida a questão do empreendedorismo feminino no seio laboral. Essa forma de pensar ajuda muito no desenvolvimento das atividades geradoras de rendimento das nossas interlocutoras com o passar do tempo. Acumulam cada vez mais conhecimento, a partir da realidade que vivem. Porém, não apaga o facto de serem vítimas das desigualdades no mercado laboral.

2.3- Desigualdades sociais no mercado laboral

Se fizermos uma macro-análise da nossa sociedade, perceber-se-á que tem veiculado ideias ou propostas que citam a igualdade e equidade de gênero nos discursos formais. Ao mesmo tempo as desigualdades sociais parecem aumentar com o passar do tempo. Dentre as propostas que achamos pertinentes, destacarmos como forma para assim

termos elementos concretos para podermos apresentar os dados sociais sobre as desigualdades sociais.

Neste quadro, aproveitamos o momento para trazer a contribuição do INE (2015), onde entende que de

> Acordo com as normas jurídicas internacionais e nacionais, todos os seres humanos são iguais, independentemente, da raça, sexo, religião ou naturalidade, mas o cumprimento desse princípio está longe de ser uma realidade, especialmente no que se refere à discriminação e à situação social, económica e política das mulheres. A relação que se estabelece entre os seres humanos é produto de uma construção social e vê-se condicionada pelo sexo. Não nascemos conhecendo o que se espera do nosso sexo, isso é aprendido nos processos sociais entre pessoas, instituições e sociedades. Varia de acordo com a cultura, a comunidade, a família e as relações, evoluindo ao longo do tempo e de gerações (…) Ainda que esta visão resulta em profundas desigualdades entre homens e mulheres já que as relações se vêm condicionadas pelos "estereótipos de género", que são um conjunto de crenças existentes sobre as características ou papéis que se consideram apropriados para mulheres e homens, e que se denominam papéis de género. Estes papéis são a forma como nos comportamos e o que fazemos no quotidiano, segundo o que consideramos ser apropriado para cada um (p.9).

O INE (2008) considera,

> Para que a igualdade seja efetiva, é necessário criar condições específicas, pelo que equidade de gênero significa igualdade de oportunidades e condições de homens e mulheres em todas as esferas da nossa vida, educação, saúde, trabalho, emprego, e especialmente no exercício do poder e na partilha das responsabilidades familiares (p.7).

Essas contribuições do INE nos facultam informações gerais acerca da condição humana, neste caso, exigindo um tratamento igualitário. Pois, em termos formais, as pessoas são iguais, ou seja, em teoria, mas na prática temos vivido profundas desigualdades entre homens e mulheres.

Para tentar aprofundar a questão da contextualização das desigualdades sociais INE (2010) ressalta que nascemos

> Do sexo feminino ou masculino da espécie humana, e essa condição biológica vai agir como um elemento regulador das nossas vidas. De acordo com o sexo somos educados e nos são destinados diferentes papéis e funções na sociedade, por conseguinte aprendemos como devemos comportar-nos, agir e relacionar. Como resultado, as diferenças biológicas se transformam, por via da educação, em desigualdades sociais entre mulheres e homens. Sendo os papéis, as funções e os valores sobre o que significa pertencer ao sexo masculino ou feminino resultado do processo de aprendizagem social, e também influenciada por factores sócioeconómicos tais como o estatus social e a raça, a condição das mulheres e dos homens varia de sociedade para sociedade e de uma época para outra… Em Cabo Verde a tradição europeia foi vivenciada apenas por uma parcela da população. Até a abolição da escravatura (1879), enquanto as actividades da maioria das mulheres brancas ou livres centravam-se no âmbito doméstico (manutenção e administração do lar), as das mulheres escravas centravam-se no desenvolvimento de actividades economicamente produtivas – ou seja uma elevada proporção das mulheres, desde o início do povoamento e ocupação das ilhas tiveram uma participação activa tanto na economia reprodutiva, como na economia produtiva. A sua condição de escravas impunha ainda que o "fruto do seu ventre" fosse controlado, administrado e comercializado pelo senhor de escravos, constituindo o seu próprio corpo uma reserva produtiva (pp.14-15).

Os debates sobre o fenómeno das desigualdades sociais só fazem sentido no quadro de discussão da igualdade de gênero. Quando essa análise é levada para a discussão na esfera pública, aí dá para ter uma perceção da importância e da insistência contínua da comunidade internacional, a colocação na agenda local, politicas ligadas à igualdade de gênero, porque entendemos que antes de falarmos sobre as desigualdades sociais temos que fazer uma breve referência à questão da igualdade de gênero que é o que o INE faz em algumas publicações que exploram a questão do gênero. Daí, a importância do INE para o nosso trabalho, por nos ajudar a ter uma ideia mais realista da nossa sociedade. Os dados que apresentam são muito pertinentes e as atualizam constantemente.

Hoje em dia, a sociedade civil cabo-verdiana tem acompanhado com muito atenção os discursos de aspeto político na voz de algumas figuras femininas que ocupam alguns espaços de poder e decisão, que denunciam e chamam a atenção para a questão do estatuto e a situação da mulher na nossa sociedade.

Carvalho (2015) frisa:

> As desigualdades – falta de direitos, discriminação e subordinação – entre mulheres e homens começaram a ser denunciadas pelas próprias mulheres no século XIX. Tais denúncias permitiram que as mulheres, lentamente, fossem adquirindo direitos e construindo uma agenda de igualdade. Naquele momento, os modelos socioculturais que definiam os cabo-verdianos, enquanto homens e mulheres, foram reconsiderados… As últimas décadas são testemunhas da crescente e regular conscientização da necessidade de empoderamento das mulheres como medidas para aumentar a equidade social, econômica e política e ampliar o acesso a direitos humanos fundamentais (pp.136-137).

Em relação a situação do género em Cabo Verde, Carla Carvalho (2015) entende que nos,

> Sectores da participação política e econômica, os dados revelam certo desequilíbrio em desfavor das mulheres – pouca participação nos cargos de decisão na gestão pública, nos partidos políticos e nas demais esferas de poder, assim como nos empregos e cargos melhores remunerados (…) e os indicadores referentes às mulheres são mais baixos do que os dos homens, designadamente no acesso ao emprego, da incidência da pobreza e do desemprego (pp.138-140).

Em termos remuneratórios á uma certa disparidade entre homens e mulheres no mercado de trabalho ligado á informalidade. O fenómeno não é actual, mas uma questão que tem atravessado gerações, neste sentido o pesquisador Brasileiro Bernardo (2003) cita Cecília Moreira Soares que relata

> O sucesso das ganhadeiras que se dedicavam à venda de peixe e de diversos gêneros, com renda diária de até 4 mil réis, em 1849, o que faz crer que souberam desempenhar seu papel muito bem. O sucesso se refletia, sobretudo, no controle que as ganhadeiras vieram a ter sobre o comércio varejista de produtos perecíveis (p.41).

Para Hirata (2009),

> Assiste-se igualmente à bipolarização dos empregos femininos, que resulta em parte dos processos em ação na esfera educativa e que se estão tornando um ponto de convergência entre os

> países do Norte e do Sul e um dos resultados desse duplo processo é a exacerbação das desigualdades sociais e dos antagonismos, constatada tanto entre os homens e as mulheres quanto entre as próprias mulheres é um dos paradoxos da globalização – a esse aumento dos empregos se associaram precarização e vulnerabilidade crescentes: eles são com frequência instáveis, mal remunerados e pouco valorizados socialmente (pp. 30-31).

Num estudo recente sobre as práticas quotidianas das rabidantes Silva (2015) frisa que á nível

> Global no final do século XX, a inserção feminina no mundo do trabalho significou um passo importante para o estabelecimento de relações mais igualitárias … Todavia, observamos a emergência de novas formas de desigualdade, que acabaram por resumir a presença das mulheres a atividades de baixo prestígio e menor remuneração (pp.165-166).

Os dados do INE (2017), apontam que os assalariados,

> No sector informal são fundamentalmente homens (72,2%). Nota-se que o estatuto de aprendiz pago no sector informal é exclusivamente do sexo masculino. A posição das mulheres e dos homens nas UPI para além do sector em que trabalham, condiciona o rendimento a que tem acesso: a remuneração média mensal total é de 29 600 ECV (escudos cabo-verdianos), sendo de 26 268 entre as mulheres e de 36 723 entre os homens, o que equivale a uma diferença de 10 455 ECV (…) Analisando a mediana das remunerações mensais, constata-se que metade das mulheres recebem cerca de 1 000 ECV a menos ao registado a nível total, enquanto metade dos homens recebem mais 2 000 ECV acima da mediana total (pp.54-55).

Esses dados são esclarecedores, no sentido de provarem uma grande disparidade nos ordinários mensais auferidos pelos diferentes sexos no auge da sua situação activa de reprodução social. Cabe supor que no seio laboral urbano as mulheres estão sendo prejudicadas pelo fenómeno de desigualdades sócio laboral, as figuras femininas têm ganhado espaço e destaque no tecido social, a partir de adoção de estratégias e tomada de atitudes fulcrais para a implementação de ideias empreendedoras no seu dia-a-dia para poderem por em prática os seus ideais de autodependência e autossustentação.

Para o INE (2008)

> As oportunidades de acesso e permanência no mercado de emprego das mulheres devem ser incrementadas já que constituem o maior contingente de população desempregada, de população ocupada não qualificada e de empregadas do sector informal; A oferta de serviços sociais de apoio deve ser melhorada já que as tarefas de cuidados com a família, em particular perante situações adversas como as de doença de dependentes, impõem limites às oportunidades das mulheres no mercado de trabalho; Incrementar a adesão e a obtenção dos benefícios da protecção social para as mulheres, tendo em conta que se concentram no sector informal, têm empregos irregulares, salários menores, e participam menos nos esquemas de contributivos (pp.16-17).

Ao mesmo tempo pensamos ser importante partilhar com o leigo alguns dados estatísticos do INE (2015) que ilustram os grupos de profissões ocupados em Cabo Verde pelas mulheres e homens.

Tabela 1- Estrutura dos empregados por grupo de profissões, 2014

Grupos de profissões	Total	M (mulher)	H (homem)
Total	100,0	45,7	54,3
Militares	100,0	0,0	100,0
Legisladores executivos, directores e gestores executivos	100,0	39,1	60,9
Especialistas das actividades intelectuais e científicas	100,0	56,2	43,8
Técnicos profissionais de nível intermédio	100,0	32,4	67,6
Pessoal administrativo	100,0	61,6	38,4
Serviços pessoais, de protecção, segurança e vendedores	100,0	63,2	36,8
Trabalhadores qualificados da agricultura, pesca e floresta	100,0	23,5	76,5
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	100,0	18,1	81,9
Operadores de instalações, máquinas e montagem	100,0	7,5	92,5
Profissões elementares	100,0	56,6	43,4

Fonte: INE (2015), IMC[18] 2014

[18] Inquérito Multi-objectivo contínuo

Analisando os dados, dá para perceber que a mulher é quem ocupa os cargos de menos prestígio e "relevância" social, em outras palavras há desigualdades sócio laboral no quadro sócio profissional na sociedade cabo-verdiana. As profissões que as mulheres ocupam não as tornam menos capacitadas, muito pelo contrário, elas têm presença em todas as esferas da vida social. Porém, com o passar do tempo este quadro tem mudado e vai mudando progressivamente até chegar ao nível almejado ou meta traçada, tendo em conta os objetivos do milénio.

Com as observações feitas nos pontos como minimercado "Beto", percebe-se que usando a análise das desigualdades socio-laborais, entende-se que este ambiente é dominado pelas vendedeiras. Isso dá pistas que nos fazem pensar a existência de divisão sexual de trabalho nesses espaços, ou neste tipo de atividade. É necessário referir que os homens participam neste tipo de comércio, porém, em menos número. Nesses espaços a presença dos homens acontece em situações de conquistas e nos actos de natureza comercial. Com o debate reflexivo e crítico acerca da desigualdade socio-laboral, damos por encerada a discussão proposta nas seções que compõem o segundo capítulo da dissertação. As discussões tiveram como pano de fundo os dados sociais sobre o comércio informal, em Cabo verde. Para isso, decidimos deter as nossas atenções no quadro das atividades geradoras de rendimento em Cabo Verde, o empreendedorismo feminino e as desigualdades sociais, juntamente com os dados empíricos recolhidos nos pontos de venda das nossas interlocutoras.

Sem mais delongas, pararemos a abordar o terceiro capítulo do trabalho, que carrega o título de uma perspetiva intergeracional. Esta parte é dedicado inteiramente à análise dos dados empíricos, usando algumas propostas teóricas sobre a mobilidade social. A mobilidade aqui apresentada é pensada em termos da origem social como uma estratégia para a análise das trajetórias das vendedeiras e também a educação como um recurso há muito usado para mobilizar socialmente.

3-TERCEIRO CAPÍTULO

3.1- Uma perspetiva intergeracional

Assim, nesta parte da dissertação, vamos analisar a questão da situação intergeracional da interlocutora Luísa, envolvendo os seus pais e os filhos dela. A tónica recai sobre a importância da educação da situação económica e a profissão delas. O contributo dela ajuda a compreender que mudanças ocorreram na vida das vendedeiras no tocante às atividades geradoras de rendimento em harmonia com a mobilidade social.

Também para explorar a mobilidade social, usamos trabalhos de alguns autores brasileiros, muito pela questão da falta de trabalhos que exploram esse fenómeno pelos académicos e pesquisadores cabo-verdianos. Sempre que fazíamos as pesquisas, apareceram muitos trabalhos nesse campo feito pelos académicos brasileiros. A ideia nesta parte é demonstrar a partir da análise reflexiva e comparação geracional que a informalidade ou o envolvimento com as atividades ao sector informal pelas interlocutoras não é um quadro que encontraram no contexto social de origem, ou seja, nas suas famílias de origem, mas sim, é uma atividade que entraram nele quando mudaram para o centro urbano em momentos e circunstâncias diferentes, incluindo envolvimento de questões de cunho pessoais. Pois no contexto rural, há atividades que são típicas desse meio e os centros urbanos possuem atividades típicas do mesmo. A informalidade urbana é uma dessas atividades em que as interlocutoras se encontram inseridas.

É através da análise intergeracional, ou seja, a comparação entre o que as/os progenitores faziam com o que as interlocutoras fazem, que vamos demonstrar que não há uma regra fixa no campo da informalidade urbana que se aplica às vendedeiras no geral e as nossas interlocutoras de forma particular que sobrevivem quotidianamente, realizando as suas atividades geradoras de rendimento nos espaços públicos de Palmarejo de forma autónoma e independente. A perspetiva intergeracional servirá de base para desconstruir toda a premissa à volta da construção social sobre a reprodução social desta atividade, recorrendo à geração anterior. Quando comparamos as gerações, vê-se que não têm nenhum ponto em comum, além de viverem em épocas históricas

distintas. Também a sociedade que temos hoje, não é a mesma que tínhamos na metade do século passado. A sociedade mudou e os objetivos e motivações tomaram um outro rumo, porém, a garantia do sustento da família é o objetivo principal.

Antes de abordar a questão das mudanças intergeracionais em si, temos que ter em mente o contexto ou o período histórico em que as gerações em análise viveram ou estão vivendo. Deste modo, a mudança em termos económicos é residual (mais adiante aprofundaremos esta questão). Em termos de mudanças sociais é mais visível. Pois, as nossas interlocutoras iniciaram as suas atividades laborais nos finais do século passado e início deste século, períodos marcados pela mudança sociopolítica com o advento da democracia no arquipélago ao início da década de 90 do século passado.

Elas beneficiariam desta nova conjuntura sociopolítica e estão a ter mais liberdade laboral e social, fruto de intensos debates e certa abertura na forma de pensar a situação social da mulher cabo-verdiana. Elas estão tendo acesso à vida pública e uma participação notória na economia familiar, através da criação e gestão da própria economia ou da economia familiar. É notório o papel de figuras empreendedoras que elas ganharam, a partir das circunstâncias que viveram, por exemplo, a Luísa é uma delas.

O caso da Luísa é interessante, instigante e complexa. É uma pessoa doce, simples e amiga. É natural da ilha do Fogo, filha do Rodrigo e da Nila. É oitava de um total de dez irmãos. Seis são do sexo masculino, três são do sexo feminino. Um dos irmãos faleceu há 6 anos atrás vítima de um acidente de viação. A irmã mais nova faleceu logo à nascença. Com apenas oito anos mudou-se para zona de Palmarejo da Cidade da Praia. Porém, não quis partilhar a sua infância, o que respeitamos. Possui 7º ano de escolaridade, na escola secundária Abílio Duarte, no Palmarejo. Afirma que abandonou os estudos porque não entendia o que o professor ensinava e que não tinha uma pessoa em casa para a ensinar. É mãe de duas crianças, sendo uma de oito anos e outro de quatro anos. Ambos são frutos de relações conjugais destintas. É solteira e vive com os dois filhos e a mãe em casa dos pais, em quartos separados, pagando cada um as suas

despesas. Ainda, para fazer uma comparação geracional em termos educativos, vou trazer um exemplo de um diálogo que tive com ela no seu ponto de venda:

> Olhei para ela e perguntei*:* A sua mãe frequentou a escola? Ela olhou para mim e disse: *Não! Na época ela não estudou. Não a puseram na escola. Alegavam que ela iria aprender a fazer carta para dar o namorado. Era este o pensamento na altura. Eles eram ignorantes.* Eu olhei para ela e perguntei*:* Qual é o trabalho dela? Ela olhou para mim e disse num tom sereno: *Ela está reformada!* Eu olhei para ela e perguntei: Qual foi a profissão dela? Ela olhou para mim e disse: *Ela nunca trabalhou. O meu pai que trabalhava.* Eu olhei para ela e perguntei*:* Qual era a profissão do seu pai? Ela olhou para mim e disse: *Ele era guarda* (Conversa informal-24 de Outubro de 2017).

O trecho em destaque, em cima, demonstra que a mãe da Luísa nunca frequentou a escola, sob a justificação de que iria arranjar um namorado. A justificação a priori parece não fazer sentido ao olhar os valores e a forma de pensar a importância da educação escolar para o cidadão cabo-verdiano, hoje em dia. Porém, antes de emitir qualquer juízo de valor, é preciso tentar compreender os contextos sociais em que viviam na época. Na época, a ideia de colocar uma pessoa de sexo feminino na escola não era uma ideia bem aceite no meio social, pois o ideal para alguns cidadãos cabo-verdianos era que elas estejam longe da estrutura instrutiva. Sem querer justificar, parece que os avós da Luísa eram muito conservadores, ou seja, excluíram a mãe do ambiente escolar por motivo que a filha alega ser o pensamento deles na altura. O pensamento deles sobre a escola não ia de encontro ao que queriam. O melhor para eles, era que a filha estivesse longe do sistema educativo. Com base nisso, levantamos três hipóteses: Seria falta de conhecimento? Falta de condições ou a ideologia predominante na época?

É importante ressalvar que de acordo com algumas fontes empíricas no cenário cabo-verdiano dizendo que no século passado há muitos casos de meninas em idade escolar que foram privadas desse direito pelos pais no contexto rural. Pois, há que ter um certo cuidado com a filosofia deles. O olhar predominante na época a mulher devia estar em

casa a cuidar do lar e dos afazeres domésticos. A figura feminina tinha um outro papel a cumprir. Porém, este papel não passava pela frequência ao sistema escolar.

Contrariando o discurso da Luísa sobre a situação laboral da mãe, Ribeiro (2007) que explora o cenário brasileiro entende que

> A partir de 1970, expande-se a participação das mulheres no mercado de trabalho. Essa tendência implica na criação de novas oportunidades de mobilidade social. Entretanto, estudar a mobilidade das mulheres no mercado de trabalho mostra-se importante para entender seus padrões de inserção na estrutura ocupacional da sociedade (p.202).

A inserção da mãe ao ensino primário não aconteceu, mas a da Luísa sim. Percebe-se que o pai dela foi muito importante na sua trajetória. O pai trabalhava para sustentar a família e a casa. Ele era o provedor do lar e tinha um livre acesso ao espaço público para poder produzir, mesmo não possuindo um cargo social muito privilegiado. Exercia a profissão de guarda-nocturno. Profissão que hoje em dia está sendo substituída paulatinamente por de vigilante, mediante uma formação específica. Pois, segundo a lei cabo-verdiana é um crime, o exercício de uma profissão ilegal de outrora. Portanto, imagina as dificuldades que o senhor Pedro teve de enfrentar para poder alimentar a sua família de nove membros (incluindo ele). Entretanto, tanto a origem social da Luísa como da Joana, Maria e de outras figuras femininas que exercem a sua atividade reprodutiva na informalidade, é rural.

Tanto a origem social da Luísa, como da Joana, Maria e outras figuras femininas que exercem a sua actividade reprodutiva na informalidade é rural. A Rodrigues (sem data) cita o Carlos Ribeiro (2007), onde considera que o

> Estudo de mobilidade social no Brasil revela claramente que a estrutura de classes contemporâneas continua sendo marcada pela herança rural, uma vez que um grande número de pessoas tem origens de classe no campo e que, não é difícil imaginar que as pessoas com origem nestes grupos tenham trazido muito poucos recursos de todas as espécies quando experimentaram mobilidade social. Desta forma, apesar de os dados mostrarem que há grande movimentação de pessoas, também mostram uma enorme continuidade nos contrastes entre as classes mais e menos privilegiadas. Os níveis de desigualdade de condições de

> vida e de oportunidades de mobilidade social continuam muito elevados (p.7).

Este trecho analisa a sociedade brasileira em termos da mobilidade social e origem social, mesmo assim pode ser utilizado para analisar a sociedade rural cabo-verdiana. Essas pessoas que fazem parte deste grupo têm um nível alto de desigualdade e de oportunidades.

Num estudo feito por Jannuzzi (2002), sobre mobilidade intergeracional no Brasil, frisa que dadas

> A intensidade da migração rural-urbana, a separação entre ocupações rurais e urbanas, qualificadas ou não, nos níveis das escalas socio ocupacionais empregadas, a vinda de trabalhadores rurais para os centros urbanos acabava tendo um papel decisivo sobre as cifras gerais de mobilidade (p.262).

O autor, em cima, tem algum repertório sobre estudos da mobilidade, mas optamos por utilizar no trabalho a questão sobre o êxodo rural que ele explora, dado que as nossas interlocutoras são oriundas do meio rural e podem ser objeto de estudo da mobilidade social. Essa mudança para os centros urbanos acaba por criar campos de possibilidades e oportunidades para ingressarem em diversos nichos de mercado ou ocupações que são típicas do meio urbano. Esta ocupação foi trabalhada no segundo capítulo. Pois, as interlocutoras experimentaram alguns tipos de atividade ligados a sectores que não exigem um grau elevado de qualificação e que rapidamente podiam deixar um e praticar outro tipo de atividade que seja mais adequado ou que se adaptava melhor. A origem social nesse trabalho é uma premissa que pode ser utilizado para explorar a mobilidade. Daí, a sua importância e o seu uso como ferramenta para análise neste trabalho.

Num outro estudo Pero (2006) entende que a

> "Origem social exerce um papel importante na determinação do campo de possibilidades de conquista de posições na estrutura socioeconômica" (p.138).

Porém, segundo Ribeiro (2007)

> Antes do advento da sociedade moderna, as posições sociais dos indivíduos eram quase totalmente determinadas por suas origens

> sociais. Filhos de escravos seriam obrigatoriamente escravos, e filhos de nobres permaneceriam nobres. Uma das principais ideologias da sociedade moderna é a de que os indivíduos não devem herdar suas posições sociais diretamente, mas sim garantir seu lugar por meio de suas capacidades e de esforços próprios. Pessoas com origens em classes menos favorecidas procuram subir na vida e, quando não conseguem, muitas vezes atribuem seu insucesso a sua origem social. Em contrapartida, muitos filhos das classes mais altas, mantendo-se nas posições sociais de prestígio, procuram afirmar em alguma medida que sua condição se deve aos seus próprios méritos (p.137).

O que acontece com a Luísa é diferente. Pois ela e as outras interlocutoras exercem uma atividade laboral diferente da dos pais e não aponta o dedo a ninguém. Não há uma reprodução de atividade laboral, mas sim, ingressam num outro tipo de atividade típico dos centros urbanos, outra informalidade.

Num panorama geral sobre a situação da mulher negra Pereira (s. d.) diz ser importante lembrar que durante,

> Séculos os conflitos de gênero e etnia atingiram profundamente a mulher no mundo inteiro, principalmente à mulher negra, sendo-lhes negado o direito de cidadãs. Tomando como base o conceito de gênero que se refere ao conjunto de atributos negativos ou positivos que se aplicam diferencialmente a homens e mulheres, estas sempre foram vistas como extensão do homem, no lar, no trabalho, na sociedade, dependentes economicamente dos mesmos por imposição da sociedade. Quando a mulher de um modo geral, em se tratando de gênero, começou a ter acesso ao mercado de trabalho, foram preteridas pelo homem em muitas funções (prg[19].6).

Esta ideia pode ser utilizada para exemplificar o caso da mãe da Luísa. Porém, temos que ter muito cuidado. Pois as evidências apontam que ela era economicamente dependente do marido e não quer dizer que ela não tentou exercer algum tipo de atividade de reprodução na esfera pública. Se formos analisar a situação sócio-laboral da Luísa, podemos perceber que apesar de ela ser oriunda de uma família numerosa, cujo pai era a figura central em termos da manutenção e sustento da família, a situação dela é diferente. Ela tem o apoio dos pais dos seus filhos no tocante ao pagamento da mensalidade escolar. Ela possui um papel central na educação deles em casa e trabalha

[19] Paragráfo

na informalidade (dia sim, dia não), de parte de manhã para garantir o sustento da família e manter o autoemprego.

Comparativamente a nível de escolaridade da mãe, surge esta conversa,

> Olhei para ela e a perguntei: Até que classe/série estudaste? A Luísa olhou para mim e disse num tom sereno: *Fui até o 7º ano*. Olhei para ela e a perguntei gesticulando: Porque abandonastes os estudos? Luísa respondeu num tom sincero: *Não estava a entender nada. Por exemplo a multiplicação. É mesmo que a adição. Era só adicionar os números e o resultado é o mesmo.* Eu olhei para ela e disse*:* Talvez os professores não te ensinavam muito bem. A Luísa olhou para mim e disse*: Não entendia. E também não tinha uma pessoa para me ensinar em casa. A minha mãe não me ensinou em casa. Agora ensino o meu filho em casa a multiplicação. Eu mesma ensino o meu filho em casa.* Eu olhei para ela e perguntei*:* Se podias, irias para a escola hoje? Ela olhou para mim e disse*: Não posso! Tenho muitos problemas.* Eu olhei para ela e disse: Estou a dizer quando encontrares um trabalho. Ela olhou para mim e disse*: Sim!* (Conversa informal- 24 de Outubro de 2017)

O discurso dela mostra claramente que não queria abandonar a escola. Ela foi honesta consigo, no sentido de perceber que não estava a aprender conteúdos ministrados na escola e deixou de a frequentar por escolha e decisão própria. A questão que me surgiu é que não estava a aprender tanto por fator externo ou interno. Daí, apresenta uma explicação de não estar a aprender na escola. O facto de não ter uma pessoa para a ensinar em casa é uma outra explicação. Podia ser a sua mãe (que aparece muito nas nossas conversas em detrimento do pai) ou os irmãos mais velhos. Mas isso não foi uma realidade para ela. No nosso cenário é uma mais-valia, acrescentava e reforçava o que ela tinha aprendido na escola. Geralmente, em Cabo Verde, os pais ensinam aos seus filhos conteúdos escolares, mas têm que saber o que estão fazendo. Já os pais com melhores condições financeiras, hoje, colocam-nos em explicação extra- escolar. Neste contexto, a Luísa passa a ideia de que queria passar mais tempo a frequentar o sistema escolar cabo-verdiano e que não está satisfeita com o que se sucedeu com ela. Em outras palavras queria ter um nível escolar mais elevado. Com isso automaticamente abriria mais campos de possibilidade e teria uma postura mais critica da nossa sociedade.

Assim, não quer dizer que ela não tem uma postura crítica, no entanto, tenta argumentar o que aconteceu com ela.

Já o caso dos filhos dela, o quadro é outro. Agora tem uma noção do que lhe foi ensinado outrora e dedica parte do seu tempo ao ensinamento do seu filho. Ela está a preparar o futuro do filho, dedicando uma boa parte do seu tempo à educação do filho, pois tem *a priori* a consciência da importância e do impacto do bom uso do tempo para a vida dela e dos filhos.

Por isso Ribeiro (2006) num estudo que explora a estrutura de classe, e a mobilidade social alerta que o,

> Aspecto fundamental do processo de mobilidade social é a aquisição de educação formal. A escolarização é um dos principais fatores que levam à mobilidade social. A análise das desigualdades de oportunidades educacionais, portanto, é fundamental para entendermos o processo de mobilidade (p.863).

O fator das desigualdades de oportunidades educacionais que vivenciaram a mãe da Luísa e ela mesma acaba por ser um dos enclaves do processo ascensional. Não é necessariamente, mas pode ser um dos obstáculos a ser considerado e, deste modo, não foi uma escolha pessoal dela de deixar de estudar, mas sim as circunstâncias socioeducativas que a empurraram nesse caminho. Quadro que queria que fosse diferente, mas não foi. Agora pensa voltar a estudar caso tenha novas oportunidades. Porém, a venda não está criando esta possibilidade, pois uma das questões é o dinheiro que aufere diariamente, que mal dá para satisfazer as necessidades diárias, sendo assim complica ou adia os seus planos futuros. Entretanto, ela é jovem e com o tempo poderá alcançar o que almeja.

A ideia de fazer uma comparação intergeracional sobre o percurso socioprofissional das interlocutoras e da Luísa, neste caso, pode ser reforçada, explicada e explorada a partir da leitura sobre a mobilidade intergeracional que Rodriguez faz. Para Rodrigues (1996)

> Existem dois tipos de mobilidade social: a mobilidade intra/intergeracional. No nosso caso usamos o segundo conceito. A mobilidade intrageracional analisa a situação dos indivíduos

> numa geração, isto é, a posição por eles ocupada no início e no fim das suas carreiras; e a mobilidade intergeracional, caso em que analisamos mais do que uma geração, procurando ver, por exemplo, se os indivíduos pertencem à mesma classe social dos seus pais. Em termos de sentido, a mobilidade social (intra ou intergeracional) pode ser ascendente, caso em que, por exemplo, determinados indivíduos ou grupos passam de uma classe social mais baixa para uma classe social mais alta, ou descendente, caso em que determinados indivíduos ou grupos passam de uma classe social mais alta para uma classe social mais baixa (p.4).

Desta feita Pero (2006) acrescenta que a

> Mobilidade social intergeracional reflete a distribuição de oportunidades na sociedade, ou seja, as chances relativas de as pessoas ocuparem uma posição social conforme a origem socioeconómica da família (…) Ela depende tanto do comportamento da economia e de seus impactos sobre a estrutura ocupacional quanto da consolidação dos canais de mobilidade na sociedade (como a escola, as associações de classe etc.), também depende de características individuais relativas ao investimento em qualificação e formação profissional (…) Ela reflete não só os movimentos entre gerações mas também ao longo da carreira do indivíduo (a mobilidade intrageracional, ou seja, entre a primeira ocupação e a ocupação atual do indivíduo) (pp.138-141).

Esta autora apresenta-nos mais elementos para que possamos explicar o porquê do uso da mobilidade social intergeracional para refletir sobre as nossas interlocutoras. Então, Neto e Gonçalves (2013) reforçam que o

> Aspecto fundamental da mobilidade intergeracional é que as famílias conscientemente agem para garantir que a posição de seus filhos seja maximizada no futuro. Tais estratégias incluem a tomada de decisões em relação à instrução e educação que são mediadas pelas dotações naturais (como talento e aptidões) e pelas oportunidades disponíveis na sociedade e na sorte (p.439).

Constata-se que a Luísa é uma mãe muito dedicada e preocupada com a instrução do filho. A sua dedicação reflete na explicação extracurricular que ela socializa com os filhos. Essa socialização tem como objetivos reforçar e refrescar o que é ensinado aos filhos na escola local. Tal situação demonstra que ela está a planejar o futuro do filho. Também é possível avistá-la de manhã acompanhando um dos filhos na ida à escola,

segurando-o com a mão esquerda e a direita com um balde de tom branco, na cabeça uma banheira de tom verde com bananas maduras no seu interior. Há uma tentativa de potencializar o que ela quer através da forma como ela se relaciona e se comporta com os filhos. Se formos comparar a situação laboral dela com a dos pais, economicamente a venda dela dá para manter a casa, mas menos dá para colocar os filhos na escola. Eles frequentam a escola graças à ajuda dos pais dela. Daí, surge a questão: até quando os pais vão poder custear as despesas da escola aos filhos? Ela mesma diz que está à procura de um trabalho melhor porque essa venda não tem sido rentável. Porém, ela é jovem, solteira com dois filhos para criar e habilitada com o 7º ano de escolaridade.

Numa conversa informal,

> A perguntei: *Como está indo a venda?* Ela olhou para mim e disse num tom sereno: *Não está a dar! Estou a procura de trabalho*. Eu a perguntei: *Que tipo de trabalho procura*? A Luísa olhou para mim e disse: *De limpeza.* Eu: *Limpar a casa, lavar as roupas.* A Luísa olhou para mim e disse gesticulando: *Limpeza, sim! Fazer refeições, lavar a roupa dos outros. Os terceiros te colocam para lavar até cuecas, aquelas porcarias ali, para fazer? Não vou faze-lo.* Eu olhei para ela e disse*: As cuecas, a própria pessoa que deve lavar.* A Luísa olhou para mim e disse: *Outras pessoas não fazem. Como já arrumou uma empregada, ela tem que fazer de tudo.* Eu a perguntei: *Porque a venda não esta a dar?* A Luísa olhou para mim e disse*: Não está a dar! Ontem não vende nada. Os problemas são muitos*. Eu a perguntei: *Quais são os problemas?* A Luísa olhou para mim e disse*: Problemas! A casa. Talvez tens que fazer compras para colocar em casa. O dinheiro da só para comprar alguns géneros nas lojas. Não da para fazer compras e colocar em casa.* (Conversa informal-24 de Outubro de 2017)

O discurso alegando falta de venda diária é recorrente pelas vendedeiras durante o período de observação de campo nos pontos fulcrais do mesmo. No discurso da Luísa ganha mais ênfase, ao explicitar melhor e exemplificando o porquê do uso deste discurso. A vida dela na venda não está fácil. Pois não consegue abastecer a casa com alguns géneros básicos como gostaria de o fazer. O desejo dela é comprar uma certa quantidade, ou seja, comprar muitos géneros para poder satisfazer as necessidades da sua família. Um dos problemas que ela não especifica é o ensino dos filhos. Se não

fossem os pais deles, alega que não teria condições para custear os estudos dos filhos. A falta de venda e de trabalho na sociedade cabo-verdiano é um facto que está empurrando algumas vendedeiras à procura do emprego, porém, esta "pressão" na venda diária, ou seja, ela tem que vender todos os dias para poder pagar as contas diárias da família, enquanto não encontrar outro meio de sustento e o mercado laboral está a tornar-se cada vez mais competitivo.

Nesta parte é interessante abordar a questão das teorias que explicam as determinantes da mobilidade social. Neste caso a Rodrigues (1996) menciona

> "Duas teorias que refletem a mobilidade social actual. Porém é "A Teoria da Segmentação do Mercado de Trabalho" que encaixe nesta análise. O acento tónico dessa teoria recai sobre a demanda das instituições empregadoras de mão-de-obra" (p.6).

Entretanto, ela não quer qualquer trabalho, pois almeja trabalhar no ambiente doméstico. Dá para perceber que é por se sentir mais confortável exercendo esse tipo de atividade e não sentiria mais dores nas costas, que sente atualmente, fruto de longas caminhadas, empunhando banheiras cheias de géneros alimentícios. Este tipo de trabalho faz com que muitas delas carreguem muito peso à cabeça.

Jannuzzi (2004) reconhece que os

> Estudos sobre mobilidade social parecem estar a ganhar destaque na agenda de pesquisa em Ciências Humanas nas últimas décadas no Brasil e se formos falar sobre mobilidade social segundo grupos sociodemográficos dá para entender as mulheres, negros, mais jovens e menos escolarizados são os grupos sócio- demográficos com mobilidade social ascendente mais baixa em uma perspectiva comparativa. Em contrapartida, homens, brancos e amarelos, mais escolarizados e indivíduos em idades maduras do ciclo de vida são aqueles com mobilidade de carreira mais elevada (p.10).

De facto, as vendedeiras de forma geral e as interlocutoras de forma particular, no contexto urbano do Bairro do Palmarejo que vivem de atividades ligadas à informalidade que entrámos em contactos, apresentam um nível muito baixo de mobilidade social ascendente. Os mesmos são apresentados pelo autor citado em cima.

Figura 3- Arredores do minimercado "Beto" (Ponto de Venda da Luísa)

Fonte: Autor, Fevereiro de 2017

Vale realçar que estou a falar com um jovem que tem 24 anos de vida, que não tem nenhum plano para o futuro. É patente, no discurso dela, a dificuldade em encontrar trabalhos, hoje em dia, e não têm ilusões. Apenas quer encontrar um trabalho para o exercer e a esperança é uma aliada que está sempre presente. Os dois filhos dela podem ser apontados como uma das suas esperanças para o futuro. Cabe aos filhos tentarem mudar este quadro social, ou seja, tentarem por via da educação alcançar um posto laboral mais elevado e melhor remunerado do que a mãe e os avós. A sociedade em que as interlocutoras vivem é considerada uma sociedade aberta e competitiva, onde a estratificação social é demonstrada, através de posições que os atores ocupam. Globalmente, as interlocutoras criaram algumas condições para que os filhos alcancem um nível de bem-estar razoável, apesar das adversidades e contratempos da vida, que é um fator social. Elas viram na educação uma forma de eles serem alguém na vida. Pois eles são jovens e com uma carreira de progressão e um futuro risonho à frente.

A ideia de apostar na educação como estratégia para a mobilidade social é bem patente nas trajetórias de vida das três interlocutoras centrais na dissertação. Futuramente, os filhos poderão alcançar postos mais elevados, comparativamente com os das atuais mães. Assim, terão a oportunidade de fazer diferença no mundo laboral. Eles ainda estão a construir as suas vidas com base no que encontraram, com aquilo criado pelas mães.

Em termos económicos e educacionais, a Maria, a Joana e a Luísa, têm uma situação social melhor posicionada que as suas mães. O dinheiro que a Maria e a Joana arrecadaram na venda, deu para investir no negócio, na educação dos filhos e na construção da habitação com a comparticipação parcial dos companheiros. A Maria é um dos casos que tem duas habitações. Aquela que fica no Palmarejo é habitada por duas filhas e netos. A outra em Achadinha Pires (bairro da cidade da Praia) é onde reside.

O tempo que a Luísa tem na venda, não deu ainda para acumular um certo capital para poder investir posteriormente. Vive num quarto da casa construída pelos pais com os dois filhos. Todas estão a trabalhar no momento e não tiveram um número elevado de filhos (excepto Joana). Ela tem cinco filhos. Número que faz muita diferença no momento do uso dos recursos financeiros a favor da família. Os filhos, em muitos casos, exigem o dobro de esforço da parte dos pais para a sua criação, implicando mais dispêndio de recursos, sobretudo quando não há envolvimento ou participação do pai, na vida do filho, isto no concerne aos filhos das nossas interlocutoras e os da geração recente.

Alguns estão a trabalhar na informalidade urbana e a cuidar dos seus filhos. No campo educativo, os seus filhos vão tendo um nível escolar mais elevado. Em outras palavras, eles podem ser vistos doravante ao olhar das nossas interlocutoras e de terceiros. Porém, em termos económicos e laborais, ainda é muito cedo para fazer algumas comparações. Se as fizermos, seria um pouco precipitado, pois pela idade que eles têm, quando as suas progenitoras os tiveram, não estavam em mesma situação ou condição socio laboral.

As nossas interlocutoras trabalham por conta própria; não pagam taxas dos espaços públicos que ocupam ao abono da autarquia local; não estão inscritas na providência social; não gozam de segurança no trabalho e o salário é baixo. Em outras palavras, todo o capital investido e recebido na atividade que exercem, uma parte é aplicada na sobrevivência da família e outra na reposição do *stock* e de outras necessidades afins. Vale a pena referir que o processo ascensional é marcado por múltiplas estratégias adotadas pelos atores sociais, neste caso, as figuras femininas, tendo em conta o objetivo almejado, em resposta às circunstâncias ou situações sociais em que elas se encontram inseridas.

Numa forma simplificada e sistematizada, trouxemos Pereira (2008) onde entende que a

> "Invisibilidade da mulher negra obscurece a sua trajetória e luta. O não reconhecimento de seu avanço social e profissional diminui todo seu esforço de opondo-se ao que lhe foi oferecido de dominação e interiorização" (p.97).

Na mesma linha Queiroz (2010) reforça e complementa a ideia do Pereira (2008) afirmando que o

> "Historial das mulheres cabo-verdianas constitui uma saga, cuja luta vem sendo traçada desde seu nascimento, nas batalhas travadas pela sobrevivência e em busca de um lugar reconhecido na sociedade". (p.46)

Apresentados e analisados os dados referentes à interlocutora Luísa, tendo em apreço a perspetiva intergeracional da sua história de vida em articulação com a teoria da mobilidade social, de seguida iremos apresentar as considerações finais.

Considerações Finais

Em suma, os dados fazem-nos pensar que as atividades que elas realizam são metamorfoseadas e carregadas de simbologias, princípios, códigos, práticas e de momentos de sociabilidade (incluindo o clima de humor), ultrapassando a questão de relação entre formalidade e informalidade. Vale ressalvar que todos os objetivos definidos *a priori* foram alcançados.

Grosso modo, as biografias das vendedeiras apresentam-se por moldes e tons construídos socialmente e vividas individualmente pelas mesmas e marcadas por acontecimentos e experiências acompanhadas de outros atores sociais como familiares, os filhos e os companheiros maritais que são os mais próximos. As biografias foram construídas aos poucos até à entrada do mundo das atividades geradoras de rendimento. Outrossim, a venda de géneros alimentícios diversos surge como alternativa ao auto-emprego, para garantir o sustento da família. Com o passar do tempo ganhou significados além-fronteiras e reproduzindo uma nova via ou modo de vida. Também as suas biologias demonstram que os progenitores não eram bem abastados, economicamente falando. Elas em relação a eles não são detentoras de poderio económico, mas algumas delas já construíram casa aqui na Cidade da Praia (não quer dizer que os pais não as têm também). Inclusive, duas delas têm uma pequena quantia do arrendamento do imóvel. Isso significa que algumas estão melhor situadas economicamente que os progenitores, mesmo estando solteiras. Uma das razões se deve a um número reduzido de filhos e a outra razão tem a ver com a independência e a autonomia financeira sobre os recursos que gerem.

A renda que recebem diariamente das vendas dá para manter no negócio, ajudar nas despesas da casa e na educação dos filhos (excepto a Luísa), mesmo que não seja muito. Todos os filhos das interlocutoras tiveram um nível de instrução escolar, mais elevado do que o dos pais e avós. Alguns já fizeram o 12º ano de escolaridade; outros ainda estão a estudar, bem como alguns residuais não conseguiram alcançar o 12º ano, contudo, alguns já começaram a trabalhar como vendedeiras e ajudantes de condutores de transporte inter-regionais. É de realçar que alguns foram morar com o (a)

companheiro (a) e vão formando novas famílias, (o caso da filha da Joana e a filha da Maria).

O contexto social de origem das vendedeiras do comércio informal urbana da zona de Palmarejo da Cidade da Praia é caracterizado como sendo zonas rurais da ilha de Santiago e do Fogo. As interlocutoras são originárias de famílias numerosas do interior das localidades da ilha de Santiago e de outras localidades categorizadas como sendo a Praia rural, inclusive da ilha do Fogo. Desde cedo, o seio familiar de origem serviu como uma rampa de formação, iniciação e de preparação para a inserção na vida laboral.

A estrutura familiar descrita por elas salienta que o pai era a figura que exercia atividade geradora de rendimento fora de casa, ou seja, o pai trabalha, por exemplo, na agricultura. A mãe realizava algumas atividades geradoras de rendimento fora de casa, porém, a mãe da Luísa, não está incluída.

Todas as interlocutoras frequentaram o sistema de ensino cabo-verdiano. Porém, por razões de ordem económica, ideológica e pessoal, não conseguiram alcançar um nível desejado de instrução. O nível alcançado foi apenas o básico de acordo com a organização do sistema educativo cabo-verdiano. Depois da frequência ao sistema escolar, tiveram a oportunidade de exercer funções ou serviços junto das entidades patronais que lhes concede uma boa qualidade de vida, mas muitas vezes não recebem pelo serviço prestado. Também, realizaram tarefas ligadas aos afazeres do lar como empregadas domésticas de pessoas alheias que foram aperfeiçoando neste campo doméstico. Grande parte delas iniciou a vida profissional, trabalhando e aprendendo a trabalhar em casas de terceiros como extensão do que faziam nas suas casas de origem. O contexto social de origem serve como um "ritual de iniciação" e de preparação para a inserção na vida laboral urbana, através de alguns afazeres domésticos. As experiências no mundo laboral foram muito educativas.

A partir daqui, as experiências no mundo laboral foram-se sucedendo nas suas vidas. Por força das circunstâncias, muitas delas passaram a aventurar em outros campos de reprodução mais complexos para poderem sustentar a família que algumas já tinham

construído nas suas relações pessoais. Referimo-nos à atividade da "venda", o nome surgiu em algumas incursões no campo, onde algumas interlocutoras o utilizaram para denominar o que realizam diariamente. Essa venda é acompanhada de muitos sacrifícios, lutas e labutas de sol a sol, para alimentarem a família em casa e o dever chamou-as para darem conta às exigências que o social impõe.

A "venda" mencionada por algumas interlocutoras não foi a primeira opção para ganharem a vida diariamente. Nas narrativas expressas soa como sendo um meio mais fácil encontrado para poderem sanar as suas necessidades diárias. Também a venda é vista como sinónimo de autonomia e satisfação pessoal em resposta à situação laboral vivida por algumas delas no momento. Mas vale ressalvar que com essa condição no contexto urbano atualmente vivido não são obrigadas a dar explicações a ninguém e nem prestar contas a outrem. Agora, tudo depende somente delas, inclusive o horário de trabalho diário, escolhendo este, quando querem trabalhar e não o fazem, quando não pretendem trabalhar por vontade e decisão própria. A escolha da venda no espaço urbano de Palmarejo não foi ao acaso. Foi uma escolha que exige muita estratégia e atitude da parte delas. Ali estão entrando num ambiente competitivo, criando alternativas nos pontos de venda e da diversidade de produtos disponibilizados ao público local. Por isso, os laços de sociabilidade são recursos estratégicos viáveis para a sobrevivência e permanência na venda.

Portanto, neste espaço, elas criam contactos, laços de sociabilidade com outras colegas e outras personalidades que frequentam o mesmo espaço diariamente e ganham cada vez mais conhecimentos. Por isso, é que muitas não vendem somente frutas frescas. Juntamente com as frutas há legumes, hortaliças e folhas verdes ou secas para fazer chá. A estratégia utilizada é racional e bem calculada para conquistar cada vez mais os clientes. A diversidade tem significado estético e acaba por satisfazer em parte as necessidades dos clientes. A preocupação com a satisfação em termos oculares e de gustativos dos clientes estão na ordem do dia. Assim, um cliente encontra alguns géneros alimentícios que necessita e utiliza diariamente num único espaço. Quando um cliente compra uma banana, por exemplo, ele pode comprar uma saqueta de folhas de

hortelã para fazer chá e elas sempre os chamam carinhosamente dizendo assim: "Freguês leva hortelã!"

Aqui se destaca a importância do uso de signos na comunicação urbana. Elas fazem um esforço diário para mostrar as pessoas que estão ali naquele espaço. A comunicação usada por elas, para muitos é do tipo como "a alma do negócio". Elas devem usar estes signos ou estratégias de comércio para que consigam vender os seus produtos ironicamente todos os dias.

Neste mesmo espaço, elas são confrontadas com a questão da formalidade, representada pelos fiscais da Câmara Municipal local, porquanto são caracterizadas como munícipes que violam o estatuto municipal e pertencentes a um determinado grupo construído historicamente ao venderem nas ruas sem respeitarem ao código de postura municipal. A presença da formalidade, muitas vezes, é marcada por rondas constantes de fiscais devidamente identificados e trajados. Até em alguns casos há agressões físicas de ambas as partes. No entanto, o trabalho demonstrou que não são iguais às outras vendedeiras e que possuem uma trajetória impar e que não têm nenhum tipo de envolvimento com atividades ligadas ao sector informal a partir da exploração do contexto de origem delas e da comparação com os progenitores em termos socio- laborais.

Portanto, a estadia diariamente, nestes espaços, é conquistada paulatinamente através de ações de afirmação e reconhecimento por parte do outro, a colega de trabalho, por exemplo. Criam vínculo com o espaço que rotulam como sendo delas e querem que as outras respeitem e aceitem este facto. Então, cada uma já sabe que um determinado ponto de venda pertence a tal fulana e não tentam subtraí-la. Há um código invisível impregnado por elas que superficialmente não é percebido por outrem, isto é, só é percebido por elas, no seu seio, através de comportamentos não-verbais e em alguns casos verbais. Os códigos são de conhecimento de todas e se uma delas os violar é alertada, imediatamente, para que sejam respeitadas e que a cena não se repita. Os códigos são como o direito de comercializar com um determinado cliente, de aviso se por acaso os guardas municipais estiverem nos arredores, de solidariedade, interajuda e respeito mútuo. No espaço também encontramos pistas que apontam para a reprodução

de atividade realizada tanto pela mãe como pelas filhas. Essa reprodução não é muito comum. A reprodução é demonstrada por ações práticas de exercício da mesma atividade. A questão que se coloca é: em que circunstâncias se deram este caso? Em que momento da vida a fulana de tal começou a vender géneros alimentícios?

As interlocutoras mais jovens manifestaram o desejo de exercer outra atividade profissional que não seja a venda nas ruas, como também o ingresso à universidade para terem um curso. Percebe-se que as espectativas sociais diferem da faixa etária. As mais jovens têm muitos sonhos que querem realizar, diferente das com a partir da meia-idade que têm compromissos com a família e os filhos. Em termos geracionais, é preciso contextualizar, porque as três gerações descritas aqui viveram em contextos e períodos históricos distintos, carregando com elas as marcas das venturas e desventuras da vida. O contexto social muda as mentalidades e as prioridades junto com ela. Por exemplo, a última geração (os filhos das interlocutoras) têm e teve oportunidades de uma melhor instrução escolar.

Cada uma delas tem a sua trajetória no seu percurso de vida. A singularidade dos eventos de suas vidas diferenciam-nas e construíram-nas dia após dia sem nunca deixarem de lado os traços e os laços que as demarcam e as formaram. As mudanças a nível intergeracional nas atividades que as interlocutoras realizam no quotidiano de Palmarejo são presentes nas narrativas delas. A mudança começou com a vinda delas para o capital do País em circunstâncias adversas. Estando aqui, ingressaram noutros tipos de atividade geradoras de rendimento típico das áreas urbanas e periurbanas ligadas à informalidade.

Assim, nível intergeracional, consideramos que outrora alguns progenitores delas realizam outros ofícios ligados à reprodução familiar, como é o caso de atividades ligadas à agricultura e pecuária, no meio rural. Ambas são atividades típicas desse contexto, para se sustentar a família e manter a coesão familiar, utilizando os conhecimentos que tinham, na época. Os filhos das interlocutoras nasceram todos na capital do País, pois a residência atual dos pais permitem-lhes ter a possibilidade de alcançar um nível de instrução mais elevado possível, o que as interlocutoras almejaram

no passado. Alcançando-o, as interlocutoras ficariam mais felizes, pois sabem que eles terão mais oportunidades no seio socio-laboral, nos tempos vindouros.

Nos espaços urbanos que se alocaram, adotaram novas práticas sociais, novos comportamentos, novas atitudes, novas necessidades. A mentalidade mudou de acordo com as prioridades e os nichos que começaram a frequentar. A mudança é constante. Muitas delas viram muitos bairros da capital crescerem, através das suas caminhadas diárias no início das suas atividades nas ruas das mesmas. Este novo contexto foi um campo de possibilidades, para aspirações adversas.

Enfim, com o passar do tempo começaram a criar estratégias e tornaram-se cada vez mais racionais, calculistas, com atitudes adequadas para poderem acompanhar o ritmo e as regras da capital do País. Construíram as suas vidas familiares e estão na luta diária para driblar as desigualdades sociais e ajudar as suas famílias.

Referências bibliográficas

Bauer, W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

Bernardo, T. (2003). *Negras, Mulheres e Mães - Lembranças de Olga de Alaketu* (1ª. Ed). Rio de Janeiro: Pallas.

Bourdieu, P. (1983). *Sociologia.* Saulo: Ática S.A.

Bourdieu, P. (2006). A ilusão biográfica. In J. Ferreira & M. De Moraes (Eds.). *Usos e abusos da história oral* (pp. 183-191), (8ª ed.). Rio de Janeiro: Editora FGV.

Burt, S. (1992). *Structural holes: the social structure of competition*. Cambridge: Harvard University.

Castells, M., Benton, L., & Portes, A. (1989). The informal economy: Studies in advanced and less developed countries. *The Johns Hopkins University Press*, *8,* (327), 11-31.

Carreira, A. (1984). Cabo Verde: Aspectos Sociais- Secas e fomes do século XX (2ª ed.). Lisboa: Ulmeiro.

Canonice, B. (2000) Gênero e emprenndedorismo: Um estudo comparativo no Paraná.

Anais do I Egepe, Paraná, 144-152.

Carino, J. (1999, agosto 5). A biografia e sua instrumentalidade educativa. *Educação & Sociedade, 20* (67), 153-181.

Carvalho, C. (2015). A questão de gênero na agenda pública e política de Cabo Verde, África: papel das Ongs feministas na luta pelos direitos das mulheres. *Outros tempos, 20,* 19, 135-152.

Charmes, J. (1997). O sector informal na África: um crescimento que não significa marginalização. *Ensaios FEE,* 18 (2), 64-99.

Chevalier, Y (1979). La biographie et son usage en sociologie. *Revue Française de Science Politique, 29,* (1), 418-582.

Domingues, M. (2000). *Estratégias femininas entre as bideiras de Bissau*. Tese de doutoramento em Antropologia cultural e social. Lisboa: Universidade nova de Lisboa.

Damo, A. e Oliven, R. (2016). Entrevista com Keith Hart. *Horizontes Antropológicos, 22,* 45, 371-394.

Estevão, J. (2014). Formal e informal: Da dualidade sectorial à dualidade institucional. In J. Estevão e I. Évora (Orgs.), *Trabalho, sociabilidade e geração de rendimento no espaço lusófono* (pp.49-83). Coimbra: Grupo Almedina.

Furtado**,** C. (2008)**.** *Dimensões da pobreza e da vulnerabilidade da pobreza em Cabo Verde***:** uma abordagem sistemática e interdisciplinar. Dakar: Codesria.

Gil, A. (1989). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (2ªed). São Paulo: Atlas S.A.

Goffman, E. (1993). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio D´agua Editores.

Grassi, M. (2003). Rabidantes. Comércio espontaneo transnacional em Cabo Verde, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais / Splleen.

Grassi, M. & Évora, I. (Orgs.) (2007). Género e migrações cabo-verdianas. (1ª ed.) Lisboa: ICS.
Greve, A. & Salaff, J. (2003). Social Network and Entrepreneurship. *Entrepreneurship, Theory and Practice*, *28,* (1), 1-22.

Hart, K., (1973), Informal Income Opportunities and Urban Employment in Ghana. *The Journal of Modern African Studies, 11,* (1), 61-89.

Hirata, H. (2009). A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. Sociologias. Porto Alegre, ano 11, nº 21, 24-41.

Hampton, A., Cooper., S. & McGowan, P. (2009). Female Entrepreneurial Networks and Networking Activity in Technology-Based Ventures: An Exploratory Study. *International Small Businness Journal,* 27 (2), 193-214. Consultado em https://www.research.ed.ac.uk/portal/files/16500354/ISBJ_Hampton_Cooper_McGowan_2009_for_Open_Access.pdf

Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2008). *Mulheres e homens-Factos e Números*. Praia, Instituto Nacional de Estatística.

Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2010a). *Distribuição da População Residente*. Recuperado em 10 de Maio, 2016, de http://ine.cv/quadros/estado-da-populacao-cabo-verdiana/

Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2010). *IV Recenciamento Geral da população e de habitação*. Recuperado em 10 de Maio, 2016, de http://ine.cv/wp-content/uploads/2016/11/analise-do-estado-e-estrutura-da-populacao-censo-2010.pdf

Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (2012). *Mulheres e Homens- Factos e Números*. Praia, Instituto Nacional de Estatística.

Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (2015). *Mulheres e Homens- Factos e Números*. Praia, Instituto Nacional de Estatística.

Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2017). *Mulheres e Homens- Factos e Números*. Praia, Instituto Nacional de Estatística.

Jannuzzi, P. (2002). Mobilidade social no contexto de adversidades crescentes do mercado de trabalho brasileiro dos anos 1990. *Economia e Sociedade, 11*, 2 (19), 255-278.

Jannuzzi, P. (2002) *Mobilidade social no Brasil no contexto da reestruturação produtiva*. Comunicação apresentada no 1º Congresso da Associação Latino Americana de População, Caxambú.

Lautier, B, (2004). *L'Économie Informelle dans le Tiers Monde*. Paris: La Découverte.

Long, N. (2001) *Development Sociology: actor perspective.* London: Routledge.

Moreira, E. (2014). *Género e Desenvolvimento Rural: Mulher e a Agricultura nas Imediações da Barragem de Poilão*. Trabalho final de curso em Ciências Sociais-vertente sociologia. Praia: Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Cabo Verde.

Minayo, M. (Org.), Deslandes., S. Neto., O. & Gomes, R. (2002). Pesquisa Social:

teoria, método e criatividade. (21ª ed.) Petrópolis: Vozes

Moraes, R. (2011). Análise de conteúdo. *Revista Educação, 22* (37), 1-13.

Neto, R. e Gonçalves, M. (2013). Persistência Intergeracional de Educação no Brasil: O Caso da Região Metropolitana do Recife. *Estudos Económicos,43*, (3), 435-463.

Noronha, E. (2003, outubro). "Informal", Ilegal, Injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18, (53), 111-179.

Oliveira, M. (2017, Abril 19). Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. *Topoi, 18*, (35), 429-446.

Pereira, L. (1973) Mobilidade social uma avaliação comparativa. *Revista Administração de Empresas, 13,* (4), 19-35.

Pereira, E. (s.d.). Gênero: Trânsitos multidisciplinares. São Paulo, *Ford*. Consultado em http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Edilene_Machado_Pereira_57.pdf

Pereira, L. (2000). Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História oral, 3*, 117-127.

Pero, V. (2006). Mobilidade social no Rio de Janeiro. *Revista de Economia Mackenzie, 4*, (4), 136-153.

Portes, A. & Haller, H. (2005) The Informal Economy. In N. Smelser, Jr. & R. Swedberg (Eds.) *The Handbook of Economic Sociology* (2ª ed.) (pp. 403-429). New York: Princeton University Press and Russel Sage Foundation.

Portes, A & Haller, W. (2004). La economia informal. *Serie políticas sociales*, 100, 1-55.

Pólvora, J. (2013, Março 10). Cidades informais: o caso da cidade de Praia. *Ciências Sociais Unisinos, 49*, (1), 97-103.

Queiroz, S. (2010). *Literatura e Representação Social das Mulheres em Cabo Verde: Vencendo Barreiras*. Dissertação de Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Ramos, A. (2009). Conflitos de Identidades em Cabo Verde: Análises dos casos de Santiago e São Vicente. Tese de mestrado em estudos africanos. Porto: Universidade do Porto.

Ribeiro, C. (2006). Classe, Raça e Mobilidade Social no Brasil. *Dados, 49*, (4), 833-873.

Ribeiro, C. (2007). Estrutura de classe e mobilidade social no Brasil. S.Paulo: Edusc.

Rodrigues, R. (s.d.) Mobilidade Social: A estrutura social desigual e a contínua mudança nas características da sociedade. Consultado em https://rl.art.br/arquivos/4410624.pdf?1375145699

Saffioti, H. (1992). Rearticulando gênero e classe social. In A. Oliveira and C. Bruscini. (Orgs.). *Uma questão de gênero* (pp. 183-215). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Santos, J. (2017). *Economia Social e Solidária em Cabo Verde: génese, entidades, actualidade e perspectivas.* (1ª ed.). Praia: Livraria Pedro Cardoso.

Salústio, D. (1999). *Violência Contra as Mulheres*. Praia: ICF.

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade, 20*, (2), 71-99

Scott, J. (1995). *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica* (2 ed.). Recife: S. O. S. Corpo.

Silva, O. (2010). *O impacto da Economia Informal no Processo de Desenvolvimento na África Subsariana*. Tese de mestrado em desenvolvimento e cooperação internacional. Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa.

Silva, T. (2011, dezembro 1). Comércio (Trans) Atlântico: As rabidantes cabo-verdianas e o mercado informal brasileiro. *Outros tempos, 8*, (12), 128-145

Silva, T. (2012). *A arte de comerciar: gênero, identidades e emancipação feminina no comércio transatlântico das rabidantes em Cabo Verde.* Tese de doutoramento do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em estudos Étnicos e Africanos. Bahia: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

Silva, C. (2015, Abril 9). Comunidades Imigradas da CEDAO em Cabo Verde: Dinâmicas Familiares e Representações sobre Práticas de Violência nas Relações de Género. *Codesria*, 35-50.

Silva, T. (2015, junho/ sem dia). Mercado de Sucupira: práticas comerciais e cotidiano das rabidantes cabo-verdianas. *Outros Tempos*, *12*, (19), 153-167.

Vale. G e Serafim. A (2010, Setembro). *Embeddedness, Empreendedorismo e Gênero: Desafios para Tornar Forte o Sexo Frágil*. Comunicação apresentada no XXXIV encontro da Anpad, Rio de Janeiro.

Velho, G. (1994). *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Yetim, N. (2008). Social Capital in Female Entrepreneurship. *International Sociology, 23*, (6), 864-885.

Yusuff, S. (2011,). A Theoretical Analysis of the Concept of Informal Economy and Informality in Developing Countries. *European Journal of Social Sciences, 20*, (4), 624-636.

ANEXO

Anexo A. Guião de entrevista

O guião surgiu no quadro da dissertação do curso de Mestrado em Ciências Sociais, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre na Universidade de Cabo Verde.

O principal objectivo compreender que mudanças do ponto de vista intergeracional ocorreram nas vidas das vendedeiras que atuam no sector informal na localidade do Palmarejo, cidade da Praia?

1- **Dados pessoais**

Nome:_____

Filhação:_____ e de_____

Idade:_____

Estado Civil:_____

Profissão:_____

Nível de escolaridade:_____

2- Contexto social de origem das vendedeiras do comércio informal urbano da zona de Palmarejo.

2.1- Como foi a infância da senhora?

2.2- Como era a relação da senhora com os familiares? E com os vizinhos?

2.3- Caracteriza o contexto social da sua origem?

3- Identificação das diferentes trajectórias femininas e suas actividades laborais nos espaços urbanos do Palmarejo.

3.1- Como foi o percurso de vida da senhora?

3.2- Como foi a sua entrada no mundo das actividades que exerce actualmente?

3.3- Se fosse hoje, farias as mesmas actividades que fazes?

3.4- Como vês as acções adoptadas pelos fiscais da Câmara nos espaços urbanos do Palmarejo?

4- Compreensão das possíveis mudanças em termos de mobilidade econômica (intergeracional) que aconteceram no trabalho das vendedeiras.

4.1- Qual era a profissão dos país da senhora? Aonde a exerciam?

4.2- As receitas arrecadas diariamente da para sustentar a família?

4.3- Quais foram os géneros que tiveram mais saída durante a realização da sua actividade diária ao longo do tempo?

4.4- Qual é a profissão dos filhos da senhora?

4.5- O que esperas dos filhos da senhora?

4.5- Quais são os projectos futuros da senhora?

Anexo B. Categorias do campo

“Providencia”- Acção que tem como objectivo principal; amealjar cada vez mais dinheiro.

“Abrim el”- Acto de trocar o dinheiro.

“Fadjado”- Acto de colocar uma boa quantidade de género alimentício quando um cliente adquire algum género, com o objectivo de o agradar e aguardar o seu futuro retorno.